

1º a 15 de setembro de 2000
seu teatro de bolso!

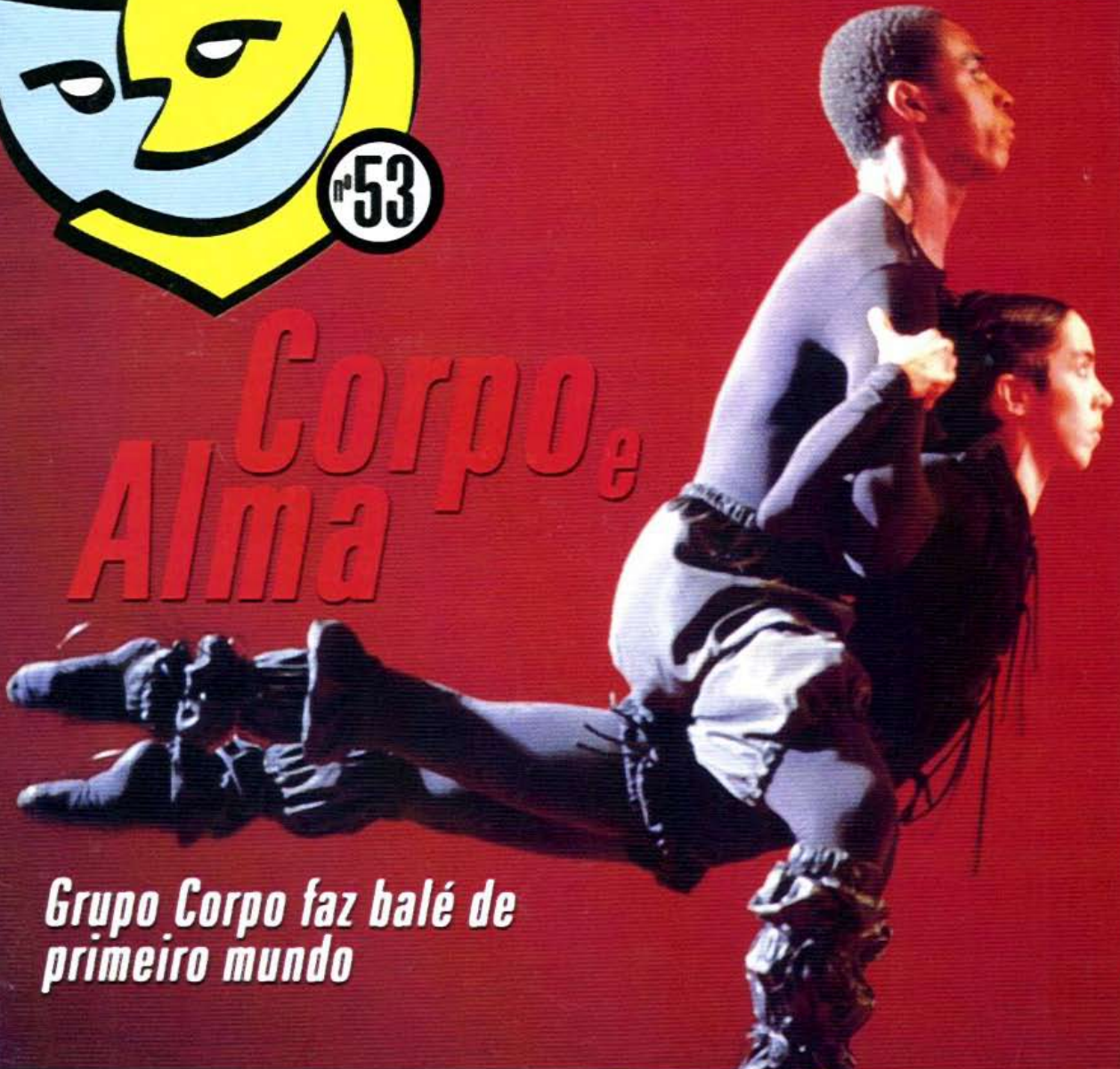
TABLADO

ano 3

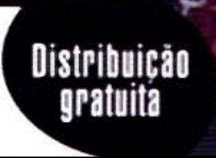


0800 61 5001

Corpo e Alma



Grupo Corpo faz balé de primeiro mundo



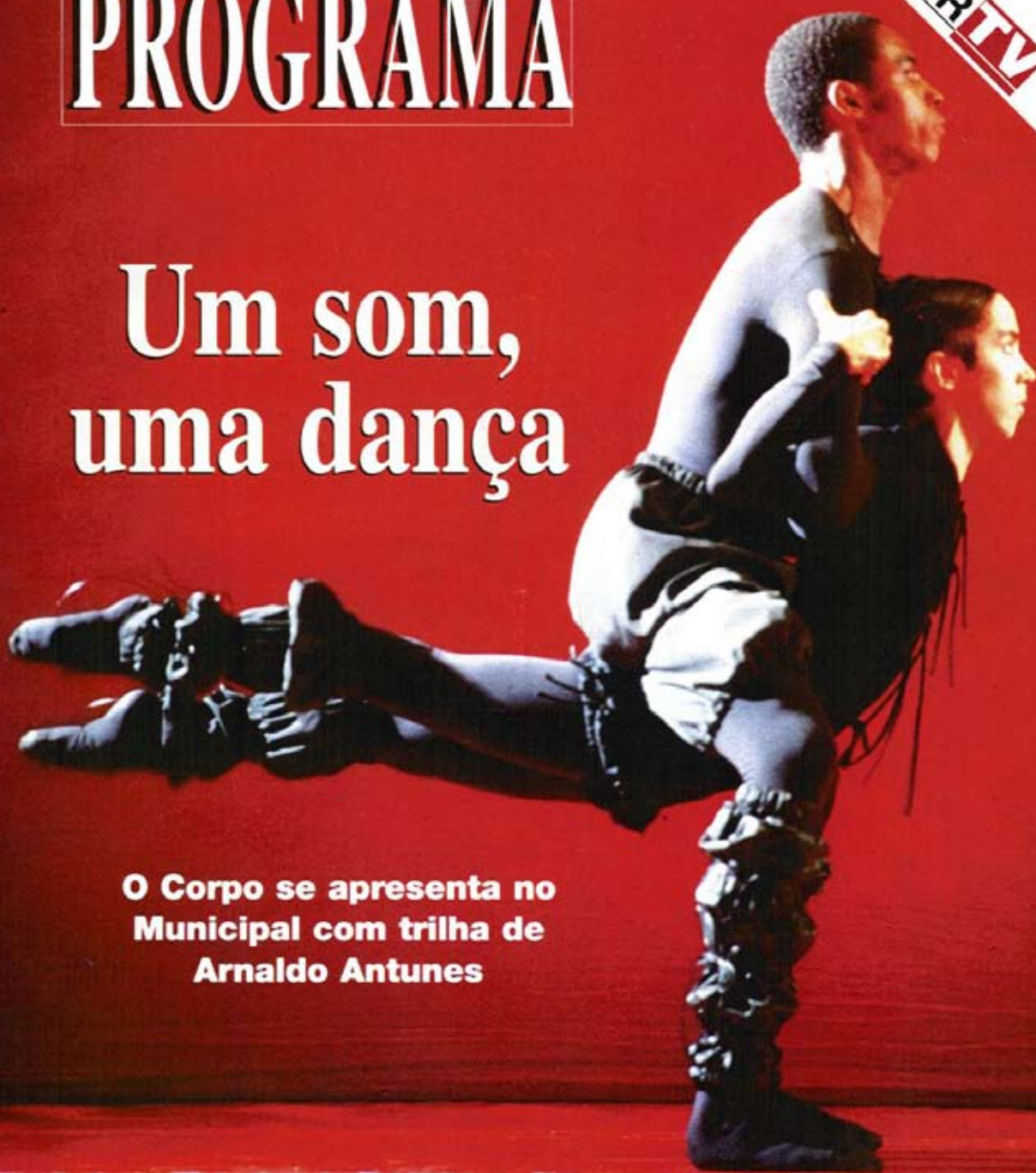
Ano 16, nº 23, 1º de setembro de 2000. Não pode ser vendida separadamente

JORNAL DO BRASIL

PROGRAMA

ENCARTADA
SUPER TV

Um som, uma dança



O Corpo se apresenta no
Municipal com trilha de
Arnaldo Antunes

**HOJE A SUA REVISTA ESTA MAIS PESADA.
O PROFESSOR ALOPRADO II: A FAMILIA KLUMP**

14 A 20/10/2001 DF Nº 232 | ROTEIRO 12 E 13 | GENTE DA CIDADE 22

Caderno Brasília

brasilia@hojeemdia.com.br

Hoje
EM DIA

LEVEZA DO CORPO

COMPANHIA DE DANÇA CHEGA À
CAPITAL PARA APRESENTAR OS
ESPETÁCULOS "BACH" E "O
CORPO" EM TURNÊ NACIONAL
DE SUCESSO

PÁGINA 12

ENTREVISTA / PÁGS. 8 E 9

RIO SÃO FRANCISCO RECEBE PRIMEIROS RECURSOS
PARA REVITALIZAÇÃO, DIZ CANDEIAS

CASO PETROBRAS / PÁG. 8

JUIZ REFORÇA BOATOS DE QUE COLEGAS POSSAM
TER SIDO SUBORNADOS



DANÇA BRASIL

ANO IX - SETEMBRO/2000 - Diretor: IVAN GRANDI

Capa: Grupo Corpo

Grupo Corpo em O Corpo - Foto: José Luis Pederneras



Sexta-feira, 1 de setembro de 2000

O GLOBO

Rio SHOW



AS BODAS DO CORPO

Comemorando 25 anos
de estrada, grupo mineiro
traz ao Rio seu novo balé

DANÇA Coletânea organizada pela crítica Inês Bogéa tem textos, entre outros, de Zuenir Ventura e Renato Janine Ribeiro

Livro discute brasilidade do Grupo Corpo

CYNARA MENEZES
DA REPORTAGEM LOCAL

Haverá um modo brasileiro, uma brasilidade na dança, e ela estará representada no grupo mineiro Corpo, na estrada há 26 anos? De uma ou outra forma, essa suposta brasilidade é posta em questão nos textos escritos para o livro dedicado à companhia, "Oito ou Nove Ensaios sobre o Grupo Corpo", a ser lançado este mês pela CosacNaif em parceria com o Instituto Tomie Ohtake.

A convite da ex-bailarina do grupo (entre 1989 e 2001) e crítica de dança da Folha Inês Bogéa, dois escritores — Zuenir Ventura e Luis Fernando Veríssimo —, dois professores de literatura — Artur Nesterovski e Eliane Robert Moraes —, um filósofo — Renato Janine Ribeiro —, um jornalista especializado em música — Humberto Werneck —, um artista plástico — Marco Gianotti — e uma psicanalista — Maria Rita Kehl — produziram ensaios sobre a trajetória do Corpo.

Em quase todos, a tal da brasilidade aparece. É Veríssimo quem levanta a bola. "Toda vez que eu vejo o Corpo, fico patriota", em seguida discute: "Não é que exista um estilo brasileiro de dança. Talvez exista, não sei".

Fundado em 1975, o grupo teria seu espetáculo de estreia no ano seguinte, "Maria, Maria", com música de Milton Nascimento e roteiro de Fernando Beant. Entre 1981 e 1991, porém, com a breve exceção de "Uakti" (1986), com o grupo homônimo, ou as incursões pelas "Bachianas", de Villa-Lobos, utilizaria um repertório clássico internacional — e só voltaria a trabalhar com composi-

ções próprias a partir de 1992.

Como, então, conseguiu continuar a fixar seus pés em uma dança toda como brasileira? "O Rodrigo (Pederneras, coreógrafo) foi criando uma linguagem que tem acentos brasileiros", explica Bogéa. "Não é uma brasilidade exótica. Não tem nada de folclórico."

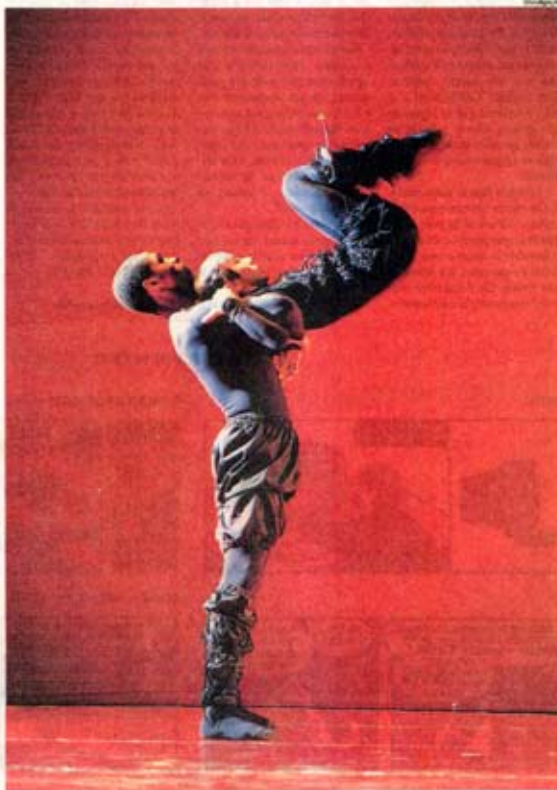
Os irmãos Pederneras — o coreógrafo Rodrigo e o diretor-geral e iluminador Paulo — são fundamentais na história do grupo. Os seis filhos estiveram envolvidos em sua criação, e até os pais deles, que cedem a casa onde moravam para sediar o Corpo. No livro, é outro irmão, José Luiz, quem assina as fotografias.

A "virada" para essa brasilidade teria surgido, segundo Bogéa, quando Rodrigo assumiu o lugar ocupado pelo argentino Oscar Araoz, que os integrantes do grupo haviam conhecido dois anos antes da fundação, em 1973. "Se há uma brasilidade", questiona a psicanalista Maria Rita Kehl, "ela é fragmentada, estapada". E previne: "Nada disso serve para fazer uma imagem de Brasil".

"É uma brasilidade enganosa", afirma o filósofo Renato Janine Ribeiro. "Brasilidade é uma enxada de serrado. E a arte é extremamente não-serrado, não ter uma chave. O tema da brasilidade é uma maneira de reduzir."

No texto que encerra o livro, Zuenir Ventura assume, como Veríssimo, seu entusiasmo pelo grupo e parodia João Ubaldo Ribeiro: "Viva o Corpo brasileiro".

OITO OU NOVE ENSAIOS SOBRE O GRUPO CORPO — de Inês Bogéa (org.) e outros. Editora CosacNaif/Instituto Tomie Ohtake. Patrocinador: Petrópolis. Quarta edição (200 págs.).



Cena da coreografia "O Corpo" (2000), de Rodrigo Pederneras, com música de Arnaldo Antunes

TRECHO

"O que um leigo culto tem (...) a apreender das obras do Grupo Corpo? A tendência óbvia é procurar descobrir-lhes o sentido. Nisso, alguns significantes são agarrados como vigas ou pontos de arri-mo para a compreensão do que eles significam. Mas que tudo, às palavras se prestam admiravelmente a esse papel. É tomar (...) o título 'Parabelo' (...) arma fartamente utilizada pelos nossos na guerra do Paraguai, e que depois se tornou armamento e vocábulo corrente no Nordeste. É somar-lhes os ex-votos (...) com um Brasil arcaico (...) com o destino dependendo da frequente invocação de santos protetores."

Do "Dificuldades de um Leigo", de Renato Janine Ribeiro, em "Oito ou Nove Ensaios sobre o Grupo Corpo"

MARCELO COELHO

O colunista está em férias e volta a escrever no dia 8 de agosto.

Dança

Grupo Corpo

Companhia mineira apresenta as coreografias *Bach* e *O Corpo* em cinco noites no Theatro São Pedro

Já virou tradição: todo ano, no segundo semestre, o Grupo Corpo chega a Porto Alegre para mostrar sua nova coreografia no Theatro São Pedro. Na curta temporada de 2001 (dias 3, 4, 6, 7 e 8 de outubro - veja o serviço na página 24), a diferença é que as coreografias *Bach* (de 1996) e *O Corpo* (de 1999), que formam o repertório dessa turnê, já passaram por aqui. Rodrigo Pederneiras, coreógrafo e um dos fundadores do grupo, acredita que os bailes tenham ficado mais maduros com a passagem do tempo: "Modifiquei um pouco as coreografias, fiz ajustes. A gente gosta muito deste programa que tem *Bach* e *O Corpo* juntas. Elas criam um contraste bonito: a primeira é toda azul e a segunda toda vermelha", diz. O contraste se estende também para a dança em si. Em *Bach*, o cenário, criação de Fernando Velloso e Paulo Pederneiras, é incorporado e forma com os bailarinos um baile aéreo: "So em *O Corpo*, depois de algum tempo, voltei a usar longas sequências de dança no chão."

Bons motivos

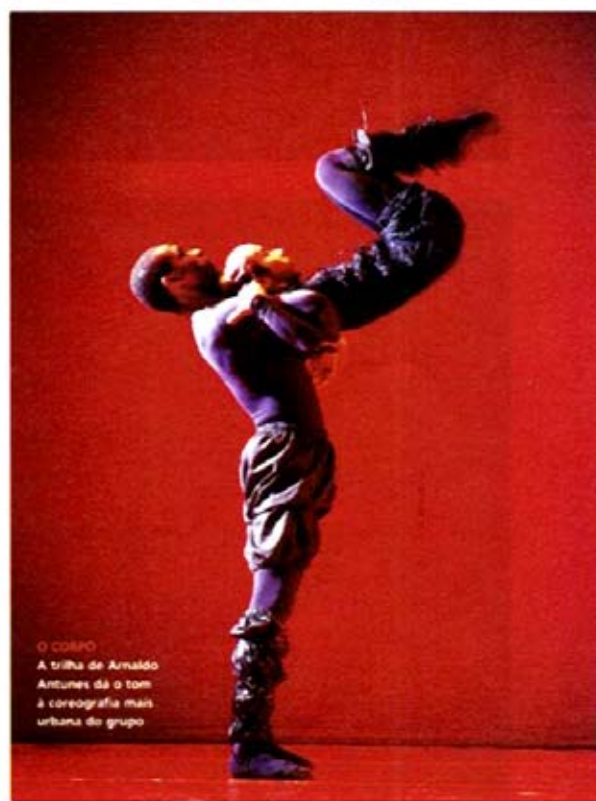
Alem do aprimoramento das coreografias, há pelo menos duas outras boas razões para assistir ao espetáculo. A primeira é que o Grupo Corpo é a grande companhia da dança nacional, reconhecida mundialmente por sua qualidade. Fundada em 1975, em Belo Horizonte, caracteriza-se por mostrar uma dança brasileira, mas não folclórica, e por saber conjugar dança, música, luz, cenário e figurino. A partir de 1992, o grupo começou a convidar compositores para criar trilhas especialmente para cada baile, e é justamente a música o outro motivo pelo qual a apresentação é imperdível. A música de *Bach* é uma releitura feita pelo mineiro Marco Antônio Guimarães da obra de Johann Sebastian Bach, recriada com teclados eletrônicos e sintetizadores. *O Corpo* teve sua trilha composta por Arnaldo Antunes, que centrou-se na temática "corpo", criou belas melodias e brincou com o ritmo da repetição de palavras. A nova coreografia do Grupo Corpo, prevista para estreiar no próximo ano, terá música composta por Tom Ze e será, na definição de Pederneiras, "uma brincadeira com objetos do cotidiano".



VISTO, LIDO E OUVIDO As trilhas dos bailes (acima), serão vendidas no Theatro São Pedro, nos dias de espetáculo, por R\$ 20. A editora Cosac & Naify lançou um livro sobre o grupo (à esquerda), que estará nas lojas por R\$ 35.



BACH
Na coreografia que abre a noite, o cenário e parte essencial da dança



O CORPO
A trilha de Arnaldo Antunes dá o tom à coreografia mais urbana do grupo

O ESTADO DE S. PAULO

CADERNO 2

ANO IX, NÚMERO 4353, SEGUNDA-FEIRA, 26 DE OUTUBRO DE 1998



A escolha do
melhor da Mostra

Jári nasceu 18 filmes
pré-estabelecidos para
deixar quem ama o Triângulo
Doutora Paulista. Pág. 2

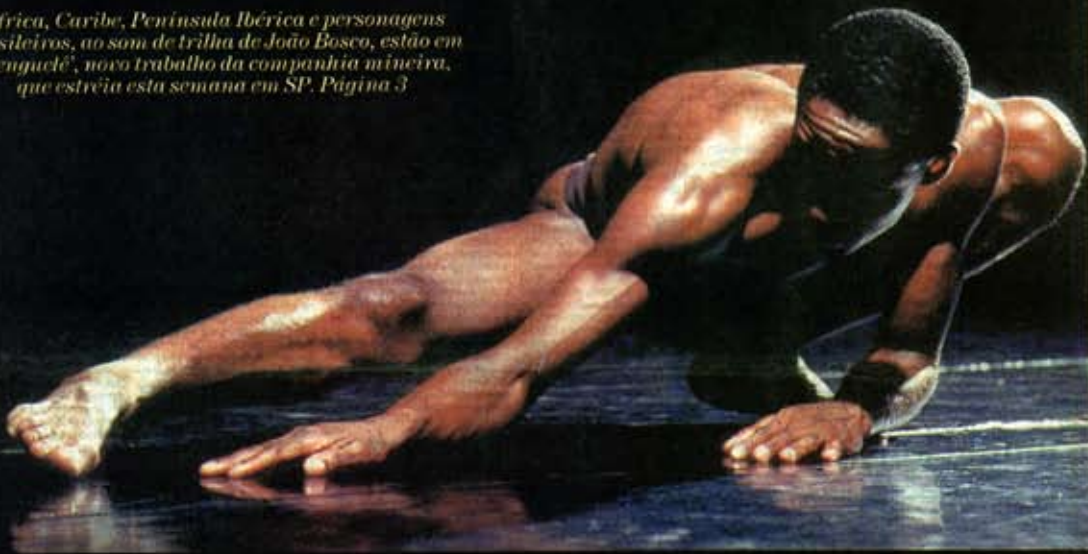


Entre Raimundos
e Severinos

Porteiros que inspiraram
Maurício Dizer e Walter
Zinoweg vieram nos olhos
na Brasil. Última página

Grupo Corpo apresenta a dança da miscigenação

*África, Caribe, Península Ibérica e personagens
brasileiros, ao som de trilha de João Bosco, estão em
'Benguélé', novo trabalho da companhia mineira,
que estreia esta semana em SP. Página 3*



O único roteiro completo da cidade

GUIA DA FOLHA

SP

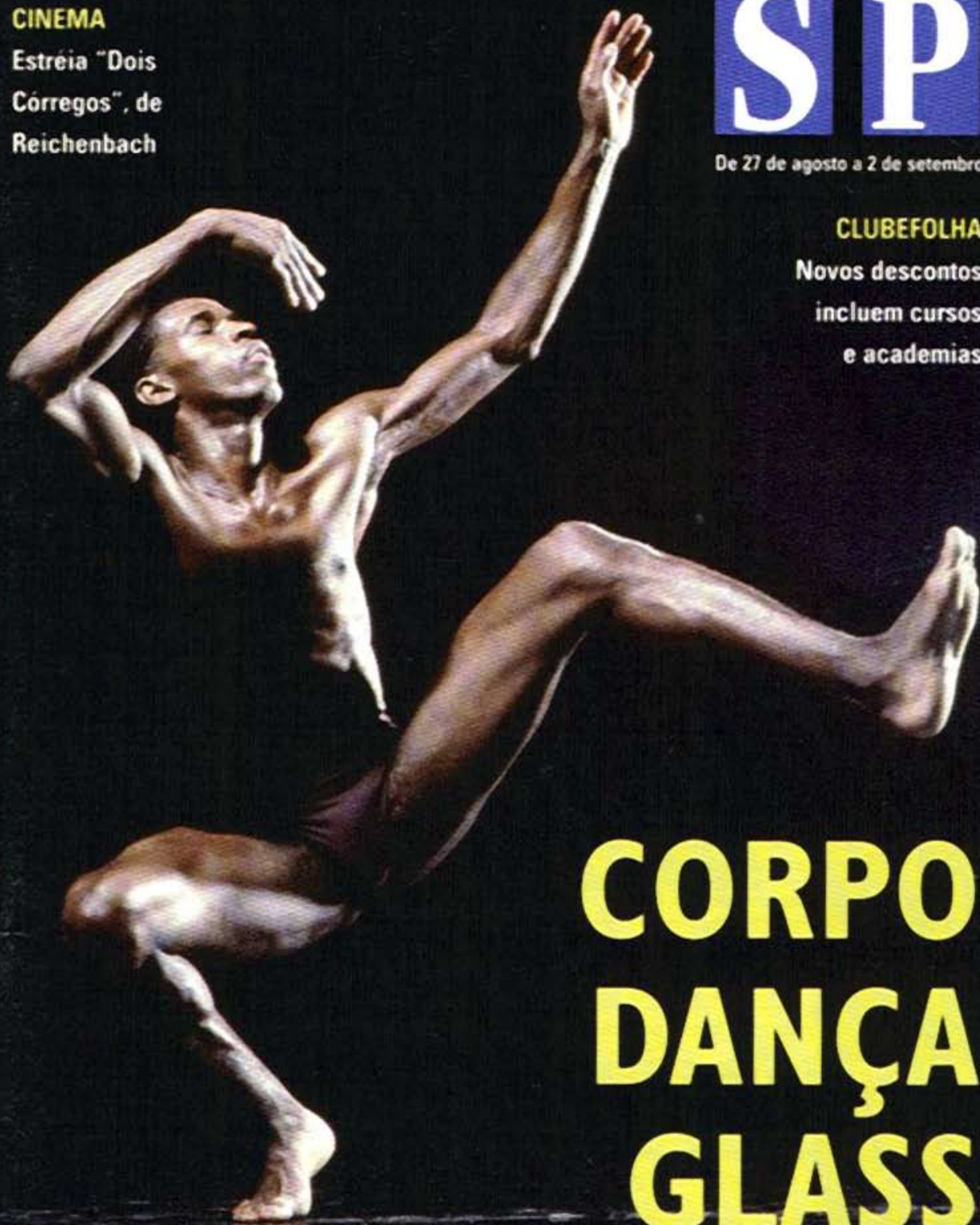
CINEMA

Estréia "Dois
Córregos", de
Reichenbach

De 27 de agosto a 2 de setembro

CLUBEFOLHA

Novos descontos
incluem cursos
e academias



CORPO DANÇA GLASS

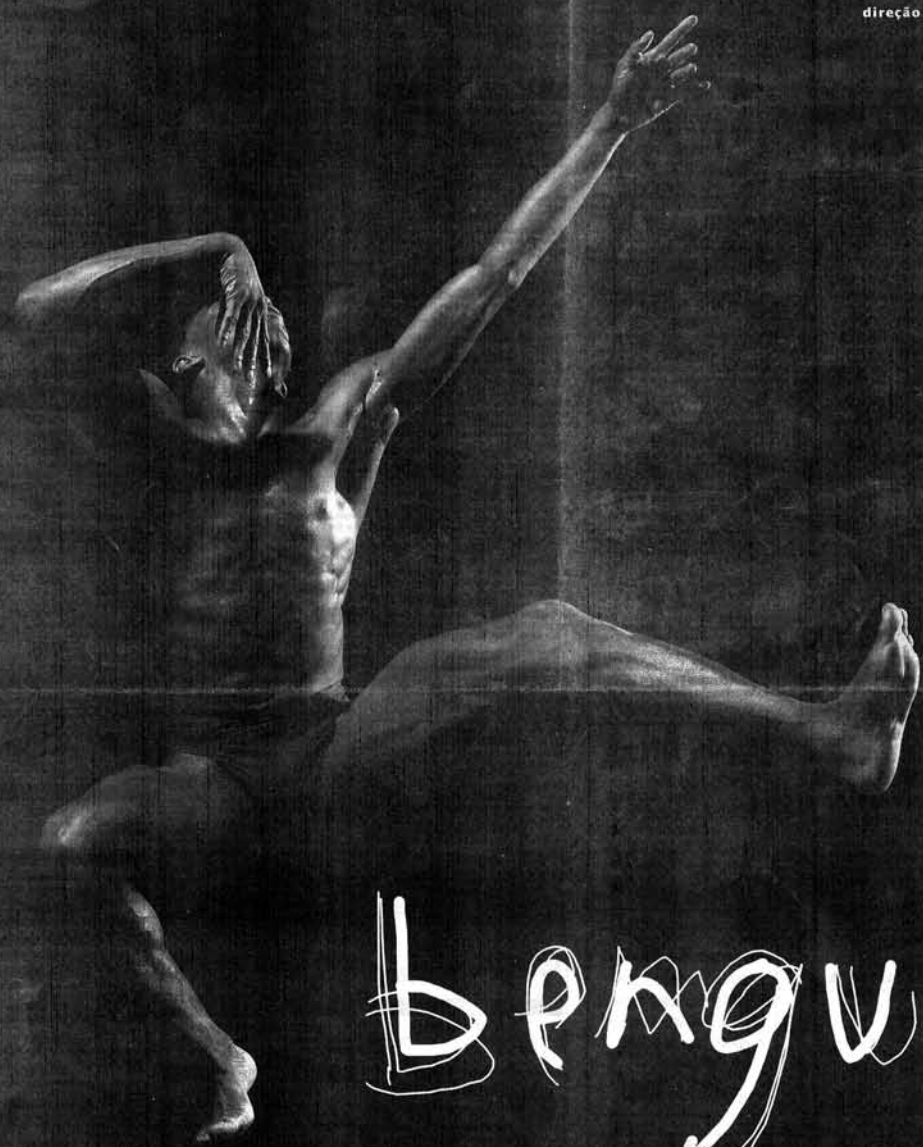
*Um dos melhores grupos brasileiros, o
Corpo, vem pela primeira vez a SP este ano
com músicas de Philip Glass e João Bosco*

TELEMIG



GRUPO CORPO

direção artística Paulo Pederneiras



Benguelê

coreografia Rodrigo Pederneiras música João Bosco

cenário Fernando Velloso e Paulo Pederneiras
figurino Freusa Zechmeister iluminação Paulo Pederneiras

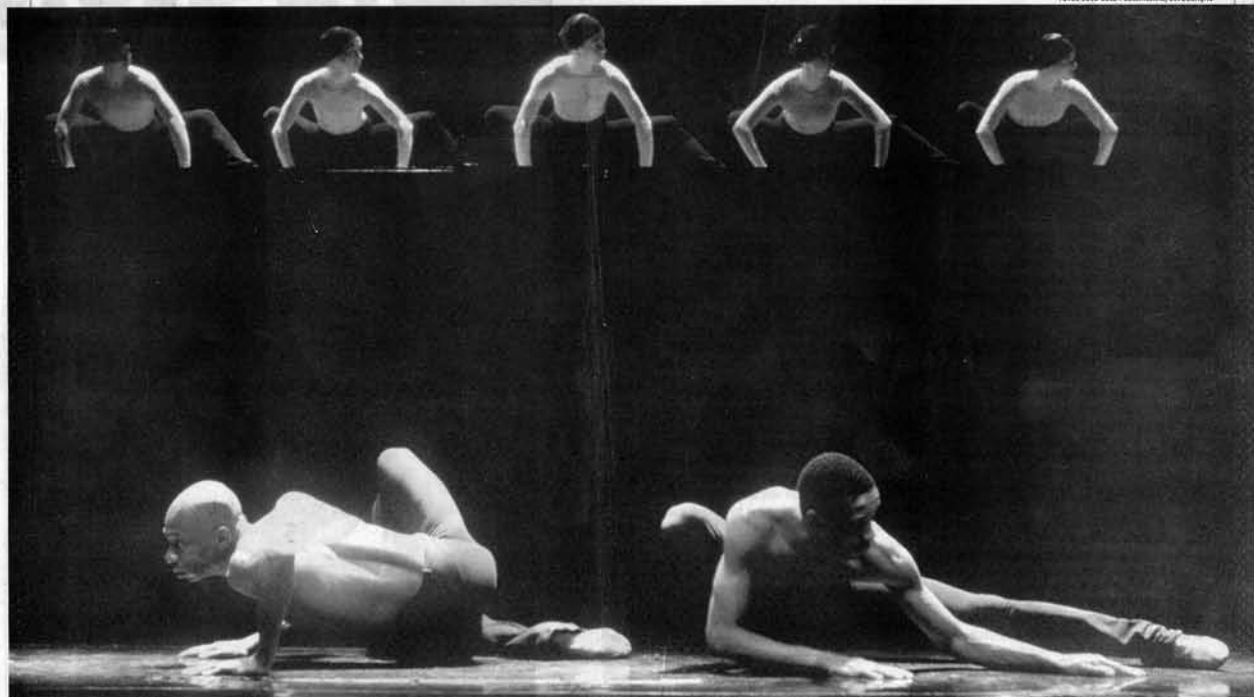
PALÁCIO DAS ARTES

De 03 a 07 de dezembro (quinta à segunda) às 21h



Apoio: Ministério da Cultura - PRONAC e Ministério das Comunicações

Foto José Luiz Pederneiras - design Gullit Soares - Lucila Nemer e Márcia Larica



Cena do novo espetáculo do Grupo Corpo, "Benguelê", em que uma plataforma no fundo do palco revela um segundo plano de ação, enquanto os bailarinos Rui Moreira e Ricardo Ângelo executam movimentos no chão no momento mais ritualístico do balé

REPORTAGEM DE CAPA

Corpo mostra um pouco da África em Minas

Próximo trabalho terá trilha de Arnaldo Antunes

DANIEL BARBOSA
REPÓRTER

O Grupo Corpo nem bem estreou "Benguelê" e já está pensando no próximo espetáculo. O coreógrafo da companhia, Rodrigo Pederneras, e o diretor artístico, Paulo Pederneras, convidaram Arnaldo Antunes para compor a trilha do próximo balé e o ex-TMÁ, apesar da pouca intimidade com o assunto, já aceitou a empreitada. A única experiência de Arnaldo com trilhas vem do quando ele compôs para uma peça de teatro, de caráter experimental, assinada por Thiago Carneiro da Cunha e montada unicamente em Barcelona.

Arnaldo lembra, também, que o grupo Quasar, de Curitiba, já montou um espetáculo de dança a partir das músicas de seu primeiro disco — "Nome". "Mas ali era diferente. Eram composições prontas, que foram usadas por uma companhia. Essa é a primeira vez que componho temas especificamente para um balé", diz. Ele explica que ainda está começando a ter ideias e que, por enquanto, não vai poder se dedicar muito à trilha para o Grupo Corpo porque ainda está muito envolvido com o lançamento de seu mais recente CD, "Um Som".

Desde que o convite foi feito, que eu já estou maturando alguma coisa, mas acho que só vou botar a mão na massa mesmo a partir do final de novembro", diz. Para o próximo espetáculo do Grupo, Rodrigo pretende uma temática mais urbana. Arnaldo acha que a "urbanidade" é uma característica inerente à sua música e adianta que pretende trabalhar muito em cima dos recursos que o estúdio oferece.

"Devo começar a partir do estúdio, com os recursos de estúdio, ao invés de ficar tocando violão e cantando para depois gravar. A expectativa do Rodrigo Pederneras é de que seja algo bem urbano e acho que isso, de certa forma, já está presente no meu trabalho. Acho que os recursos da tecnologia podem servir para amplificar essa característica", diz. O próximo espetáculo do Grupo Corpo estreia em setembro do ano que vem, durante as comemorações de 20 anos da Maison de la Danse de Lyon (França), teatro onde a companhia é residente.



O bailarino Ricardo Ângelo durante ensaio de "Benguelê", coreografia que tem a cultura negra como inspiração

Companhia vai abrir audição para novos bailarinos

Como em time que está ganhando não se mexe, a equipe que responde pelo acasamento da produção é a mesma há anos. Freiza Zechmeister assina os figurinos, José Luiz Pederneras é responsável pelas fotos e planejamento gráfico, Rodrigo Pederneras é o coreógrafo e Fernando Velloso, dessa vez em parceria ao diretor artístico Paulo Pederneras (que também assina a iluminação), cuida da cenografia.

Segundo Paulo, "o cenário começa em tons escuros, quase preto sobre preto, e no final, estoura em cores primárias — verde, vermelho, amarelo e azul — através de um painel feito com faixas translúcidas". Freiza explica que "a cenografia tem referências claras das festas mineiras como a dança de roda e o congado, mas não chega a ser figurativo".

A coreografia começa com os bailarinos vestindo calça e blusa brancas de voal plissado, calça de lycra preta por baixo e sapatilha bege para parecerem descalços. Com o correr do balé, esse figurino vai sofrendo alterações. De certa altura, todos os bailarinos, inclusive as mulheres, tiram as blusas para ficarem com o tronco nu (as meni-

nas estão usando collant cor-dá-pele, o que dá o mesmo efeito).

No final, o figurino ganha uma camisa branca social de tricolino com apenas alguns detalhes coloridos e sapatilha preta. "O espetáculo é uma somatória de referências como a da cultura negra, do índio e, principalmente, do interior de Minas. Quando a gente começou a pensar na cor, chegou-se ao branco que, de certa forma, também é uma somatória", afirma Freiza. "Quando você faz um figurino, você tem de pensar em volumes em movimento no espaço, é como na arquitetura. Com essa roupa, o público vai ver o desenho do corpo do bailarino e toda a sua movimentação", completa.

Trilha

Quanto à trilha sonora de autoria de João Bosco (violão acústico e voz), foi gravada no estúdio Impressão Digital, no Rio, e contou com as participações de Jacques Morelbaum (violoncelo), Osvaldinho do Acordeão (acordeão), Provetta (sax e clarinete), Ricardo Silveira (viola 12 e violão de aço), Nico Assunção (contrabaixo), Roberlino Silva e Armando Marçal (percussão), além

do tenor Sandro Assunção (uma das vozes de Travessa). O CD, que a Sony irá lançar no mercado com a estreia do espetáculo, traz os 14 temas originais em um total de 54 minutos de música.

"Benguelê" cumpre temporada em São Paulo até o dia 2 de novembro. Depois, a companhia segue em turnê nacional para o Rio de Janeiro (teatro Municipal, de 5 a 9 de novembro), Brasília (teatro Nacional, de 12 a 15 de novembro), Porto Alegre (teatro São Pedro, de 19 a 22 de novembro), Curitiba (teatro Guaíba, 26 de novembro) e Belo Horizonte (3 a 7 de dezembro). A novidade é que, durante a turnê, a companhia vai abrir audição para novos bailarinos nos Estados onde vai se apresentar. Em Belo Horizonte, os testes vão acontecer nos dias 19 e 20 de dezembro. "Alguns bailarinos, principalmente os homens, vão parar de dançar no ano que vem e precisamos renovar o nosso elenco", afirma Paulo.

Sem contar a estrutura do Grupo, o espetáculo está orçado em R\$ 250 mil. Este ano, o grupo continua contando com o patrocínio da Telemig e da Shell, que em 99 completa dez anos de parceria com a companhia mineira. (MBC)

Companhia mineira estréia na próxima quinta, em São Paulo, o espetáculo "Benguelê", que tem trilha assinada por João Bosco

MICHELE BORGES DA COSTA
REDATORA

A África brotou em solo mineiro para virar movimento através dos bailarinos do Grupo Corpo. "Benguelê" — o novo espetáculo da companhia de Belo Horizonte que estreia no próximo dia 29, quinta-feira, no teatro Alfa Real, em São Paulo — é mais uma exaltação da brasilidade, desta vez com o cheiro e a cor da cultura negra revelada ao som da música de João Bosco. Apresentado em programa duplo com "Parabelo", o espetáculo poderá ser visto em BH de 3 a 7 de dezembro, no Grande Teatro do Palácio das Artes.

A inspiração da obra de Rodrigo Pederneras vem das festas populares do interior de Minas, onde a cultura africana foi digerida e recriada em manifestações como o Congado ou a dança dos devotos. "A ideia inicial era a de explorar o lado crioulo do interior de Minas, com suas festas e danças enfeitadas com bandeirinhas, como na quadrilha. Mas existem outras influências trazidas principalmente pela trilha do João Bosco como a da cultura árabe", afirma o coreógrafo. "É como se fosse uma caminhada, uma grande travessia em que se cava essas raízes", completa.

Já o nome do espetáculo veio de uma música cantada por Clementina de Jesus no antológico Rosa de Ouro, em 1965, e que, anos mais tarde, descobriu-se que se tratava de uma parceria de Pixinguinha e João da Balana. João Bosco incorporou a canção à trilha em um arranjo à capela.

O resultado é uma coreografia festiva, com muito movimento de pélvicis, ombro e cintura. A ocupação do espaço é muitas vezes anárquica e frenética, e as sequências abusam das mãos no quadril e das marcações de pé. Para Rodrigo, em relação a "Parabelo", esse balé tem uma soltura maior, um desmanche da movimentação. O lado dinâmico é muito mais importante que o lado formal, das linhas coreográficas. A ideia é que o público não fixe o foco muito tempo em um determinado momento, porque, na mesma hora, já vai estar acontecendo outra coisa no palco. É como se fosse um rolo compressor, em que a reflexão não acontece no momento em que o movimento está ocorrendo".

No meio de "Benguelê", fica mais claro o sentido de travessia e o trabalho ganha uma atmosfera ritualística. A dois metros do chão, uma plataforma praticamente invisível risca de ponta a ponta o fundo do palco, revelando um segundo plano de ação, onde os bailarinos fazem uma caminhada interminável. O balé tem um tom de celebração gradativa, que culmina em uma grande festa. "Ótimos por começar de forma lenta, com um adágio, revelando certos motes que ainda vão acontecer mais para frente, de forma mais desenvolvida. No final, é um ritmo que não pára, não dá concessões, quase sem fôlego", diz Rodrigo.

AGENDA — "Benguelê", com o Grupo Corpo. Estréia em São Paulo, dia 29, às 21h, no teatro Alfa Real (r. Bento Branco de Andrade Filho, 722, Santo Amaro. Telefone: (011) 5693-4000). Ingressos a R\$ 45 (platéia central), R\$ 35 (platéia lateral e superior) e R\$ 25 (frisa e cadeiras fosso). Em Belo Horizonte, de 3 a 6 de dezembro, no Palácio das Artes.

DANÇA

Influência negra predomina em coreografia do Corpo

'Benguelê', que a companhia mineira estréia na cidade na quinta-feira, no Teatro Alfa Real, traz, ainda, fortemente, traços das obras de Tarsila do Amaral e de Oswald de Andrade, a ponto de se poder dizer que talvez seja agora que a dança brasileira tenha redigido seu 'Manifesto Antropofágico'

HELENA KATZ
Especial

BELO HORIZONTE – Houve um tempo em que o calendário era regulado pelo lançamento de cada disco dos Beatles. Depois de 22 anos, o Grupo Corpo conseguiu algo semelhante no mercado da dança brasileira. Para os que já sabem que esta é a época em que a nova coreografia dos mineiros estréia, um aviso: o Grupo Corpo acaba de produzir o seu "álbum preto". De quinta-feira até o dia 2, *Benguelê* estará no Teatro Alfa Real, às 21 horas, com exceção de domingo, quando o espetáculo será às 17 horas.

A nova coreografia de Rodrigo Pederneiras, com trilha original composta por João Bosco e acabamento da tribo de sempre (iluminação e direção-geral de Paulo Pederneiras, figurinos de Freusa Zechmeister, cenários de Fernando Velloso e Paulo Pederneiras), vem tinturada de África, Caribe, Península Ibérica, festas e personagens brasileiros.

Depois do ensaio da quinta-feira, no Teatro do Corpo, em Belo Horizonte, na sede da companhia, jornalistas da cidade comentavam, entusiasmados: "Esta vez, parece que o Rodrigo soltou o nequinhão que vivia nele." Verdade. Nunca o Grupo Corpo chegou tão perto da miscigenação que nos distingue.

Influência negra – As mãos nas cadeiras e os quadris basculantes que caracterizam *Parabolo*, a coreografia que divide o programa com *Benguelê* e a antecede também no tempo, pois foi criada no ano passado, foram desaguar em outras organizações. "Tem mesmo alguma coisa puxando mais para a influência negra e creio que esse algo se torna visível nessa coreografia", comenta Rodrigo Pederneiras.

Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade ficariam felizes caso pudessem reconhecer como traços seus foram replicados num espetáculo de dança. Há imagens, às vezes até fugazes e imiscuidas em seqüências inteiras de passos, que lembram tableaux vivants evolutivos de personagens dos quadros dela e dos conceitos cunhados por ele, que emergem e depois são diluídos.

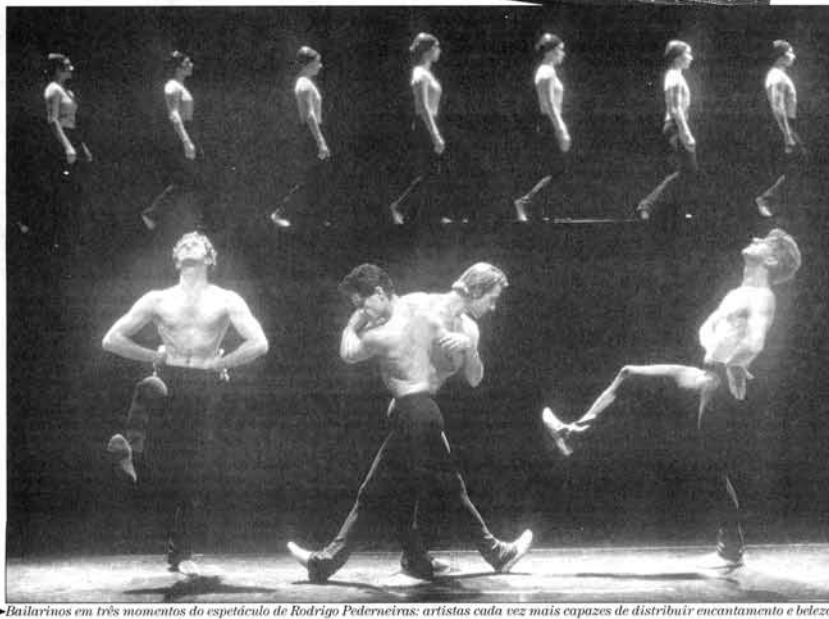
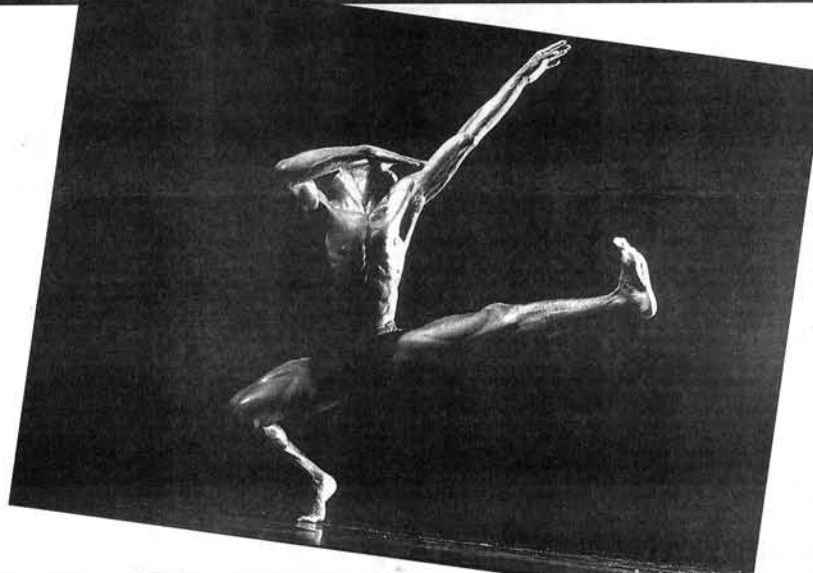
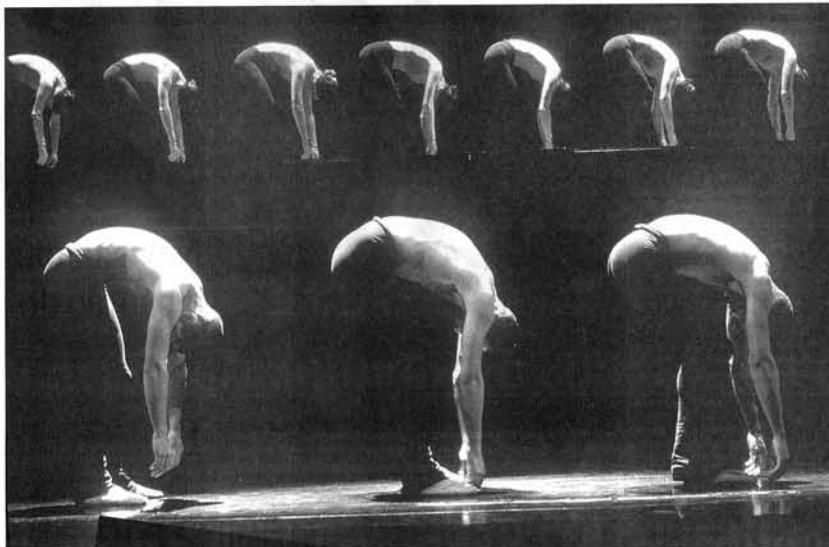
De um modo bastante singular, a musculatura de alguns bailarinos da companhia parece continuar a dos corpos pintados por Tarsila. Ao mesmo tempo, aqueles corpos parecem cada vez mais perto da resolução da questão que Pederneiras vem propondo, desde 21, sua obra de 1992: encontrar a dose certa daquilo que deve ser misturado à técnica do balé clássico para desmanchar a verticalidade que o caracteriza para fazer nascer uma movimentação mais solta, mais apta a abrigar a complexidade da nossa cultura.

Quanto a Oswald, talvez seja agora, com *Benguelê*, que a dança do Brasil tenha, de fato, redigido o seu *Manifesto Antropofágico*. Trata-se de uma obra onde o balé clássico foi distendido até contaminações às quais ainda não havia sido exposto. E desses lugares onde nunca tinha estado, graças ao talento de Pederneiras, o balé trouxe arquiteturas deslumbrantes.

Técnica estrangeira – Como se sabe, muito da produção de dança realizada no Brasil vem do balé. E o balé vem de fora. Ou seja, a técnica que ajuda a construir a maior parte do nosso repertório veio do estrangeiro (no caso, da Europa), e aqui recebeu "hospedagens" diferenciadas, uma vez que, nos corpos brasileiros, a língua do balé produz sotaques tão variados quanto próprios. Uma vez que existem vários tipos de corpos brasileiros, seus sotaques tendem a acompanhar essa diversidade.

Benguelê levou a língua do balé a enrolar influências como Jeca Tatu, quadrilha, escravos, hip hop. E também a experimentar mais com formas que parecem ansiosas por abrir mão dos contornos antropomórficos em troca de outro desenho no espaço. *Benguelê* começa assim, oferecendo um desfile de indicações dispostas tal como as indicações de um cardápio.

"Minha ideia foi fazer da primeira cena uma abertura tal como as aberturas de ópera mesmo, em que cada pequeno trecho musical



apresenta o tema que vai desenvolver mais adiante e, como se trata de dança, fiz isso usando os padrões dos movimentos que a coreografia explora", explica Pederneiras.

Inovações – Quem acompanha sua carreira vai perceber muitas novidades. Rodrigo Pederneiras decidiu começar a explorar a métrica de outro jeito. Como a sua maneira de ouvir sempre foi o ingrediente determinante daquilo que cria, talvez essa obra esteja iniciando outro ciclo no seu processo coreográfico.

"Primeiro, fiquei ouvindo e reouvindo o trabalho de João Bosco, como geralmente faço com todas as músicas que escolho coreografar, até que a estrutura delas se torne tão clara para mim que começo a saber exatamente o que quero criar, mas, desta vez, quis tentar mais do que o contraponto e fui testando outras figuras rítmicas dentro daquilo que ele compôs."

O olho detecta. Em alguns momentos, parece que foi colocado mais do que cabe nos tempos musicais e, no entanto, a métrica da composição continua assegurada. Evidentemente, essa proliferação de movimentos numa velocidade espantosa, pede muito virtuosismo dos bailarinos, o que significa muito mais trabalho para Macau (Carmen Purri) e Miriam Pederneiras, assistentes do Grupo Corpo.

"Além da coreografia exigir muito mais, em termos técnicos, tivemos uma turnê para o Canadá no meio dessa montagem e isso representou um encolhimento no tempo de ensaio cujo preço estamos pagando agora, porque todos estamos tendo de trabalhar muito mais", explica Macau, a ensaiadora, aquela que faz com que as ideias de Rodrigo Pederneiras surjam perfeitas e polidas nos corpos dos fantásticos bailarinos da companhia.

Sem descanso – Uma outra novidade fica por conta da dominância de uma dinâmica intensa em toda a obra. "A intenção é começar e continuar lá em cima mesmo", conta Pederneiras, mostrando com a mão, que coloca na altura da sua cabeça, que *Benguelê* foi criado sem intenção de dar muito descanso para ninguém.

Em termos espaciais, a coreografia traz surpresas. Há uma passarela que parece suspensa, no fundo do palco, dividindo a sua altura, e que agrega mais uma dimensão à coreografia. Quem lembrar dos tubos suspensos de *Bach* (1996) talvez perceba aqui uma forma de diálogo.

O figurino de Freusa Zechmeister não poderia ser mais genial. Ele fornece a melhor leitura para *Benguelê*. Uma vez que a música vem carregada de conotações culturais pesadas, Freusa optou por fazer do jogo entre a forma dos corpos dos bailarinos e a movimentação, que produzem o foco da sua criação.

"Só no final vão aparecer as fitas, os guisos e o colorido da congada, porque durante todo o tempo o que mais eu pensava era em como evitar uma associação imediata com a narrativa que a música propunha", conta Freusa.

Não apenas conseguiu como foi muito mais longe. Seus figurinos concentram a perspectiva sob a qual *Benguelê* veio ao mundo. Realizada pela competência dos impecáveis bailarinos do Grupo Corpo, essa coreografia se constrói nesses artistas a cada nova criação mais capazes de distribuir encantamento e beleza em tudo o que dançam.

Audições – Bailarinos interessados no trabalho da companhia podem alegrar-se: o Grupo Corpo realizará audições nas seguintes cidades, sempre nos teatros onde se estiver apresentando: em São Paulo, no domingo, às 11 horas; no Rio de Janeiro, no dia 7, às 14 horas; em Brasília, no dia 14, às 15 horas; em Porto Alegre, no dia 21, às 15 horas; e em Belo Horizonte em 19 e 20 de dezembro, às 10 horas, na sede do Grupo Corpo (Av. Bandeirantes, 866). Para participar é necessário inscrever-se uma hora antes, com Macau.

Em todas as capitais, as audições vão constar de uma aula de balé clássico e em Belo Horizonte, onde todos os finalistas serão reunidos, também de trechos do repertório da companhia.

Bailarinos em três momentos do espetáculo de Rodrigo Pederneiras: artistas cada vez mais capazes de distribuir encantamento e beleza

DANÇA

Corpo dança 'Benguelê' e 'Parabelo' no Grande Teatro

Espetáculo com programa duplo chega hoje a Belo Horizonte, depois de passar com sucesso por cinco capitais brasileiras

PABLO PIRES
REPÓRTER

Após uma temporada de grande sucesso em cinco capitais do país, o Grupo Corpo chega à sua terra natal para uma temporada de cinco dias no Grande Teatro do Palácio das Artes, com um programa duplo. "Benguelê" e "Parabelo" são as duas peças coreografadas por Rodrigo Pederneiras e com trilhas de João Bosco e Tom Zé e José Miguel Wisnick, respectivamente.

A repercussão da turnê, que estreou em São Paulo no dia 29 de outubro, "foi absolutamente genial e teve uma reação impressionante do público", ressalta Pederneiras. Ele afirma que praticamente todos os espetáculos estavam lotados. Em Porto Alegre, as pessoas queriam que as apresentações se estendessem.

"Benguelê", a nova coreografia, é uma viagem ao universo da cultura popular de Minas Gerais, que busca incorporar a influência africana e elementos das festas folclóricas. "São pequenos rituais e a idéia que eu tinha era beber um pouco da fonte de festas que eu participo no interior de Minas", conta o coreógrafo. Rodrigo diz que a proposta foi a busca das influências e das origens dessa cultura popular, que acabou por privilegiar as influências da cultura negra, como a dança afro e o candomblé.

Parceria

Em um ritmo que se acelera ao longo do espetáculo, os movimentos procuram uma espontaneidade e uma fluidez próprios das festas populares. Rodrigo afirma que a parceria com o compositor João Bosco foi "muito especial" e que o músico "foi de uma grandeza e uma generosidade muito grandes". O trabalho foi feito em conjunto com o coreógrafo e o compositor, assim como a equipe, se influenciando mutuamente. "A coreografia", diz Pederneiras, "é sempre trabalhada a partir da trilha, em que se juntam idéias e esboços que foram feitos paralelamente com o grupo".

O Grupo Corpo busca, com "Benguelê", dar continuidade ao desenvolvimento de um trabalho "que seja facilmente reconhecido como uma linguagem coreográfica brasileira, partindo de conceitos da cultura popular", afirma Rodrigo. O coreógrafo diz que "existe a pretensão de aprofundar tudo que foi feito e criar um código, uma técnica de dança que seja brasileira". A fusão da cultura popular em um espetáculo de dança erudita é natural para Pederneiras. "Esses elementos não se chocam, são complementares", explica.

AGENDA - Grupo Corpo apresenta "Benguelê" e "Parabelo". De hoje até segunda-feira, às 21h, no Grande Teatro do Palácio das Artes (av. Afonso Pena, 1.537, Centro). Ingressos a R\$ 30 (meia entrada extensiva a todas as categorias).



A coreografia "Benguelê" é uma viagem ao universo da cultura popular de Minas Gerais

Parceria e cumplicidade com as trilhas

As trilhas sonoras dos espetáculos do Grupo Corpo são elementos fundamentais no espetáculo. A trilha de "Benguelê", composta por João Bosco, não foge à regra e segue o papel decisivo que vêm desempenhando as últimas trilhas compostas pelo grupo Uakti, para "21", e por Tom Zé e José Miguel Wisnick para "Parabelo".

Rodrigo afirma que o trabalho foi "uma grande caravana", em que as influências do compositor se uniram às do grupo. O Grupo Corpo, que viaja no próximo ano para a Europa e os Estados Unidos com pelo menos quatro coreografias no repertório, teve total liberdade de fazer modificações na música.

O coreógrafo conta que, inicialmente, João Bosco compôs u-

ma trilha "mais clássica", o que não veio de encontro com a proposta popular do grupo. Em seguida, o músico fez outra trilha, que mostra o lado popular, com influências da cultura musical negra e até árabe.

A trilha original foi realizada com 55 min. de duração, mas teve que ser adaptada pelo grupo. Algumas modificações na ordem das faixas e alguns cortes (cerca de 10 min.) foram feitos para se adequarem ao espetáculo. Pederneiras enfatiza o caráter de cumplicidade e parceria no trabalho com João Bosco.

O CD com a trilha preservou a composição original e estará à venda (R\$ 15), juntamente com outros produtos do grupo, no local das apresentações. (PP)

O PINTOR PARANAENSE
RUBEN ESMANHOTTO
RETRATA CASAS
ANTIGAS NA
EXPOSIÇÃO CENÁRIO 44

Próxima coreografia
será urbana e terá
música composta
por Arnaldo Antunes

A próxima coreografia do Grupo Corpo terá acclimação urbana e trilha sonora de Arnaldo Antunes. "Por enquanto, só tenho o esboço em minha cabeça", diz o coreógrafo Rodrigo Federneiras. Em entrevista ao *Jornal do Estado*, ele contou que a maior ambição do grupo é criar uma técnica e um código de dança genuinamente brasileiros.

Journal do Estado — Quais são as diferenças e evoluções que acontecem de *Parabelo* a *Benguelê*?

Rodrigo Federneiras — É cedo para dizer. Faz oito anos que tentamos desenvolver uma linguagem de dança genuinamente brasileira, desde a coreografia *21*. As danças populares, a sensualidade, são um caminho. *Parabelo* usou as formas de se mover do sertão e *Benguelê* a cultura negra.

JE — Não há risco de cair no folclórico?

Federneiras — Não. O folclore já está pronto. E mesmo a técnica clássica vem das danças populares europeias.

JE — Qual foi a coreografia que mais se aproximou desse objetivo?

Federneiras — Não sei. Falta muito para atingi-lo. Por enquanto, o que conseguimos foi fazer com que as pessoas vissem uma coreografia nossa e dissessem: "Ah, isso é do Corpo".

JE — Como foi trabalhar com o João Bosco?

Federneiras — Ele teve gentileza e generosidade. Na primeira esboço, compôs com muito teclado, muita influência de Stravinski e Debussy. Nós queríamos João Bosco. Ele ficou quatro dias em Belo Horizonte. Todo o tempo, ele, eu e o Paulo Federneiras trabalhamos a trilha. Depois fomos para o Rio para acompanhar as gravações.

JE — Como foi trabalhar com o Ballet do Teatro Guadua para a coreografia *Variations Goldberg*?

Federneiras — Foi muito bom. Mas é completamente diferente. O tempo é curto e a linguagem a que o corpo está habituado é diferente.

JE — Com a privatização da Telemig, empresa de telecomunicações de Minas Gerais, houve risco de perder patrocínio?

Federneiras — Até agora não se tocou no assunto. O patrocínio da Shell e da Telemig continuam. Sem o apoio deles não seria possível fazer o tipo trabalho que o grupo faz.

JE — E a estrutura do grupo?

Federneiras — Hoje temos 19 bailarinos. As viagens são feitas com uma equipe de 27 pessoas ao todo. Mas em Belo Horizonte somos em 45. Temos também um prédio onde funciona a escola, uma galeria de arte e um teatro onde ensaiamos.

JORNAL DO ESTADO

Espaço 2

e

CLUBSA, QUINTA-FEIRA, 26 DE NOVEMBRO DE 1999



Benguelê, negro de Minas Gerais. Estado de origem do Grupo Corpo, é o primeiro a ser evocado em dois cantos com o clima dos romances e contos de Guimarães Rosa

Evocação negra

Em *Benguelê*, com música de João Bosco, o Grupo Corpo faz da dança uma oração à África

Alessandro Martins

A saudade das origens negras e a alegria das danças de origem africana serão mostradas hoje, às 20h, pelo Grupo Corpo, de Minas Gerais, no Guará. A coreografia *Benguelê*, de Rodrigo Federneiras, tem música de João Bosco.

O espetáculo será aberto com *Parabelo*, com música de Tom Zé e Zé Miguel Wisnik, que estreou no ano passado. *Benguelê*, com 40 minutos de duração, tem 11 temas musicais com os vocais de João

Bosco. Muitos deles são recriações sobre composições de, por exemplo, João da Balana.

A palavra *Benguelê* significa "saudade de Benguela", em quimbundo. "Mas não é triste, é uma festa", diz o coreógrafo Rodrigo Federneiras. Na coreografia, o negro de Minas Gerais é o primeiro a ser evocado em dois cantos com o clima dos romances e contos de Guimarães Rosa.

Os descendentes de escravos do Rio de Janeiro aparecem em *Jamã*, *Carreiros Bebe* e na faixa título *Benguelê*, de Pisinguinha e João da Balana, cantado à capela por João Bosco.

Pisinguinha reaparece em *Uruba Malandro*, *Tarantô*. Ele serviu de inspiração para o choro "goloso" *Psitacônica 10 x 0*, referência à música *1 x 0*.

Importância — O Grupo Corpo vai virar o milênio como uma das mais importantes companhias de dança do mundo. Em 1999, fará parte da temporada de comemoração aos 20 anos da Maison de la Danse, em Lion, na França. Foram convidadas ou-

tras 20 mais importantes grupos.

No ano que vem, o Corpo também vai se apresentar nas comemorações de final de século da República de Weimar, ao lado de 19 outras companhias do mundo, e fará a abertura do Jurov's Pillow, o mais tradicional festival de dança dos Estados Unidos.

SERVIÇO

O que: *Parabelo* e *Benguelê*, com o Grupo Corpo. Onde: Guará/Santa André, s/nº. Quando: hoje, às 21h. Quanto: R\$ 30. Telefone: 2001.1992.

Evento promovido pela
Dell'Arte pretende levar
arte brasileira a Londres

PÁGINA 2

2

Jornal de Brasília

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, QUINTA-FEIRA, 12 DE NOVEMBRO DE 1998

O *Fim da Violência*, filme
de Win Wenders, entra
em cartaz no Cine Academia 1

PÁGINA 5

NO BALANÇO DA CULTURA NEGRA

Estréia hoje
Benguelê, mais uma
das arrebatadoras
coreografias do
Grupo Corpo

Tudo ano a semana se repete. Para a plateia que se acomoda no escuro da Sala Villa Lobos do Teatro Nacional, em silêncio reverente, a verdade é uma só: não há como não se render ao encanto do mineiro *Grupo Corpo* - uma espécie de modo coletivo de ver que culmina inevitavelmente em um espetáculo de dança de encier os olhos e de levar corações e mentes a séculos antes insuspeitos.

Foto que é o ano de *Benguelê* - um espetáculo que, à primeira vista, parece ter o intuito de evocar o que há de negro em nossa cultura. Para Rodrigo Pedreiras, porém - coreógrafo da companhia - *Benguelê* e seu povo não quer isso. "Queríamos nos referir a muitas das influências que agem sobre nossa cultura, e a negra é das mais fortes." O músico mineiro João Bosco foi o elo para compor a trilha sonora. "Quando pensamos em mergulhar na influência negra, a primeira pessoa que nos veio à mente foi Bosco. Depois, com ele, fizemos uma grande viagem pelas nossas influências culturais. O lado da cultura negra, porém, é de fato preponderante em *Benguelê*."

Como acontece todos os anos, o espetáculo é ser apresentado na Sala Villa Lobos este ano tem dois momentos: o primeiro reservado à reencenação da estréia do ano passado e o segundo à estréia deste ano: respectivamente *Parabelo* e *Benguelê*. Com música original de Tom Zé e José Miguel Wisnik, *Parabelo* - um balé sertanejo que estreou em 1997 e que é, nas palavras de Rodrigo Pedreiras, "a mais brasileira e regional" de suas criações - compõe, entre junho e julho deste ano, um circuito europeu que inclua França, Portugal, Espanha e Itália.

Haverá ainda uma audição para bailarinos e bailarinas neste sábado às 15h00, na Sala de Balé do Teatro Nacional, sob uma aula de técnica clássica. As inscrições podem ser feitas uma hora antes, no local.

Novas gramáticas - A paulatina desconstrução da forma e elaboração de uma nova linguagem coreográfica a partir de elementos extraídos dos bailes populares brasileiros - processo que, há dez anos, marca a coreografia de Rodrigo Pedreiras - parece, em *Benguelê*, ter reduzido ao mínimo os traços da imortal escola francesa, retomando em novas gramáticas coreográficas. Além disso, o coreógrafo vem abrindo espaço para a manifestação das diferenças temperamentos cênicos de seus 19 bailarinos - sem, com isso, perder o sentido de unidade inerente à natureza do *Grupo Corpo*. Diz Rodrigo Pedreiras, "Na verdade, é que a gente vem tentando fazer nos últimos oito anos e desenvolver um tipo de linguagem coreográfica que seja brasileira - a longo prazo, chegar ao ponto de codificar uma técnica nossa, que é uma forma diferente de se mover, com base no popular. Afinal, o balé clássico também veio da dança popular europeia". Assim, a dança de Rodrigo Pedreiras parece passar a tempo o exagero tropical e nos desvia a elegância, a estridência - penetrando no corpo dos bailarinos em rápidos saltos-pulos e giros e a fluidez de um balanço sinuoso. "Essa voltar para a cultura brasileira é um lado nosso, atual, mas não sei quanto tempo vai continuar



O grupo *Corpo* procura desconstruir a gramática clássica da dança e construir uma nova coreografia inspirada nos bailes populares

assim". Para o ano que vem, a companhia está preparando seu trabalho com Arnaldo Amadeu, por "surgiu a vontade de fazer uma coisa mais urbana."

Antropologia mineira - O cruzamento sutil entre a qualidade plástica de cada espetáculo e a riqueza do desenvolvimento do grupo e uma forma muito particular de antropologia são a chave para se entender o fenômeno *Corpo*.

Estilada nos anos 70, a Companhia de Dança *Grupo Corpo* faz parte

da linha-fluxo da arte mineira contemporânea. Considerada por muitos a melhor companhia de dança do país, o trabalho do *Grupo* navega nas mãos de uma equipe rigorosa e coerente - Rodrigo Pedreiras, coreógrafo; Fátima Zucherman, vice coreógrafa; e Leão de Azevedo, bailarino. Estrando Veloso trabalha o espaço onde ela vai acontecer e Paulo Pedreiras ilumina e dirige o todo que nasce. É, como uma das características do grupo e a

estabilidade do elenco, uma rejeição de homogeneidade por favor a todo espetáculo do *Grupo*. E, mais, o público foi também sendo educado com a companhia, em estado de interação com o *Corpo* há grande tempo por dentro, e os platões se preparam em simultaneidade. Tudo confina portanto para uma experiência estética das mais arrebatadoras.

Quase habitando os patamares de excelência que criou com sua equipe,

Rodrigo Pedreiras manifesta uma vontade "consciente" de trabalhar e criar coisas novas."

GRACE PERPÉTUO

■ **PARABELLO BENGUELE** - Espetáculo do *Grupo Corpo*, Balé, amanhã e sábado às 21h00; domingo, às 10h00. Sala Villa Lobos do Teatro Nacional. Ingressos: R\$30,00 (Inteira) e R\$15,00 (Meia).

AS COTAÇÕES DO DOIS

☆☆☆☆
EXCELENTE
☆☆☆☆
MUITO BOM
☆☆☆
BOM
☆☆
REGULAR
☆
RUIM

Dois

CORREIO BRAZILIENSE

Brazil, quinta-feira, 12 de novembro de 1998

CINEMA

HECTOR BABENCO FALA DE
CORAÇÃO ILLUMINADO, QUE
ENTRA EM CARTAZ AMANHÃ.

3

SHOW

MILTINHO EM CLIMA DE ANOS DOURADOS

Itam Rocha Lima
Do grupo do Correio

Miltinho é um nostálgico. Ele tem todo o direito de ser. O cantor viveu os melhores momentos de sua trajetória artística nos chamados anos dourados, quando o Rio de Janeiro era também conhecida por Chico Moreau e Copacabana. *Princípios do Sítio*. Tempo em que havia um night club em cada esquina do bairro — então “chique à beça”. Ele tem saudades — “muitas saudades” — também, dos casinos, “que além de incentivar o turismo, davam emprego para os artistas. Fiz vários shows no Casino da Urca, no Atlântico, no Quitandinha e no Golden Room do Copacabana Palace, para seleções platinas”, recorda-se em entrevista ao Correio Dois.

O que marcou, porém, a carreira de Miltinho foram as casas noturnas frequentadas pela boemia carioca “e pelos turistas que queriam conhecer o ouvir os cantores e as cantoras mais badaladas. Locais como Drink, Vougar e Fred’s, onde me apresentava, viviam lotados”, lembra.

Hoje os tempos são outros. Já não tem mais lugar dos pianos-bar e a artistas como Miltinho restaram poucos lugares para mostrar o talento e a bossa de grande intérprete. “Ainda bem que não faltam convites para shows, vindos de todo o país. Sinal de que ainda tem muita gente querendo me ouvir”, comemora.

De hoje a sábado, às 23h, o cantor sóla sua voz amadurecida na Taverneta Piano Bar, na 402 Sul, acompanhado pelo tecladista Armando Martinez e por músicos da casa. “Farei uma retrospectiva, mostrando todas aquelas músicas, aquelas canções que foram marcantes em minha carreira”, anuncia.

Bom parte deste repertório está no CD *Miltinho Corrida*, que lançou no ano passado pela Sony Music, com a participação de convidados ilustres, como Chico Buarque, Nana Caymmi, João Bosco, Luis Melodia, Elza Soares, Doris Monteiro e Emílio Santiago.

“Gostei muito desse disco, produzido pelo José Milton, que ganhou arranjadas e orquestrações assinadas pelo maestro Cristiano Bastos. Ele deu vida nova aos sucessos que lancei ao longo dos anos. E fazer duos com esses colegas maravilhosos, para mim foi uma honra”.

Ele acredita que “em termos de veredictos”, no entanto, o resultado poderia ter sido bem melhor. “Se a gravadora tivesse investido forte na divulgação eu estaria hoje festejando a conquista do meu primeiro disco de platina. T, quem sabe, teria adquirido um apartamento na Barra da Tijuca”, brinca.

O contrato de Miltinho com a Sony prevê o lançamento de mais um CD. Se vier a ser concluído, agora, para entrar em estúdio, o cantor já tem outro projeto engatilhado. “Penso em fazer um disco só com músicas de Luis Antônio, o compositor que mais gravei. São dele sucessos que lancei como *Mulher de 30 Anos*, *Ela e o Rio*, *Devotivo* e *México Moço*”.

ENTREVISTA

MILTINHO
Show de cantor carioca, acompanhado pelo tecladista Armando Martinez, de hoje à sábado, às 23h, no La Taverneta Piano Bar (402 Sul). Gravação prevista: R\$ 30,00. Ingressos: R\$ 15,00.

BENGUELÊ, A NOVA COREOGRAFIA DO GRUPO MINEIRO QUE ESTRÉIA HOJE NA VILLA-LOBOS, TEM MÚSICA COMPOSTA POR JOÃO BOSCO E REVELA A INFLUÊNCIA DA CULTURA AFRICANA NO BRASIL

O CORPO É

NEGRO



Socorro Ramalho
Do grupo do Correio

MOVIMENTOS CONCENTRADOS NOS QUADRIS, PERNAS, COXAS E PÉS. É ASSIM QUE O GRUPO CORPO CONVIDA O PÚBLICO PARA A “VIAGEM” FOLCLÓRICA DE *BENGUELÊ*, NOME DO NOVO ESPETÁCULO QUE ESTRÉIA HOJE EM BRASÍLIA, NA SALA VILLA-LOBOS DO TEATRO NACIONAL, ÀS 21H.

Ano sem da tribo sonora especialmente composta pelo cantor João Bosco, os 19 bailarinos da mais importante companhia de dança mineira (de Belo Horizonte) contam a in-

fluência da cultura negra no Brasil. “Nesse espetáculo, fomos atrás de festas populares, do Congado, da Folia de Reis e outras”, revela Rodrigo Pedreira, coreógrafo do grupo. Mas não se trata de fazer a reedição de coreografias de festas populares. O Corpo faz um “mergulho na nossa cultura negra”, segundo Rodrigo, e confere a cada movimento a marca do grupo. Mas, não há como duvidar, privilégio o rememorar de cintura, marcações de pés, da pélvis e, depois, de ombros. “Em *Benguelê* a base do movimento é a partir do quadril”, avisa o coreógrafo.

Como em todas as apresentações do Corpo, antes de *Benguelê* o público terá a oportunidade de ver ou rever o espetáculo do ano passado — *Paralélis*, que teve, com movimentos, o grande zarrão de Guimarães Rosa e os serões de Euclides da Cunha. *Paralélis* abre a apresentação da noite e, depois de 20 minutos de intervalo, é *Benguelê* que ocupa a sala Villa-Lobos.

A palavra *Benguelê* tem possível origem etimológica descrita como

“saudade das terras livres e férteis do longínquo reino africano”. Mas no palco ganhou contornos a partir de elementos extraídos de bailes populares. É isso que explica a ligeira impressão que o espectador terá, durante o espetáculo, de estar vendo a Folia de Reis, o Congado, a Marujada e até as danças de quadrilha.

Movimentos que lembram os do candomblé também fazem parte de *Benguelê*, que terá 42 minutos de duração. O espetáculo ficou “matutando” pouco mais de três meses até ficar pronto, no palco. “Concebo um espetáculo a partir de uma música e sempre convidamos um compositor para fazer nossa tribo sonora”, explica Rodrigo, 43 anos, coreógrafo do Corpo desde a década de 80.

Os missos consumiram três meses até que sons e movimentos tivessem a sincronia imaginada por Rodrigo, e que explode numa espécie de carnalidade, seqüência em que os bailarinos revelam a mistura de culturas existentes no Brasil e difundidas pelos negros. A tribo sonora traz influências árabes e da música clássica,

que também, segundo Rodrigo, ressaltam “as nossas misturas”.

Entre o remeio de quadris e outros movimentos, *Benguelê* transporta o público à festa de Marinheiro (Marujada), ao grupo que exalta a presença de rei e rainha (Congado) e a outras festas populares. Mas tudo é feito num contexto adequado a essa “viagem” em busca de raízes culturais. “O figurino (de Freusa Zechmeister) é simples, mas vai sendo acrescentado até chegar à explosão de cores, que acontece durante a seqüência da caminhada”, adianta o coreógrafo.

COR E MOVIMENTO

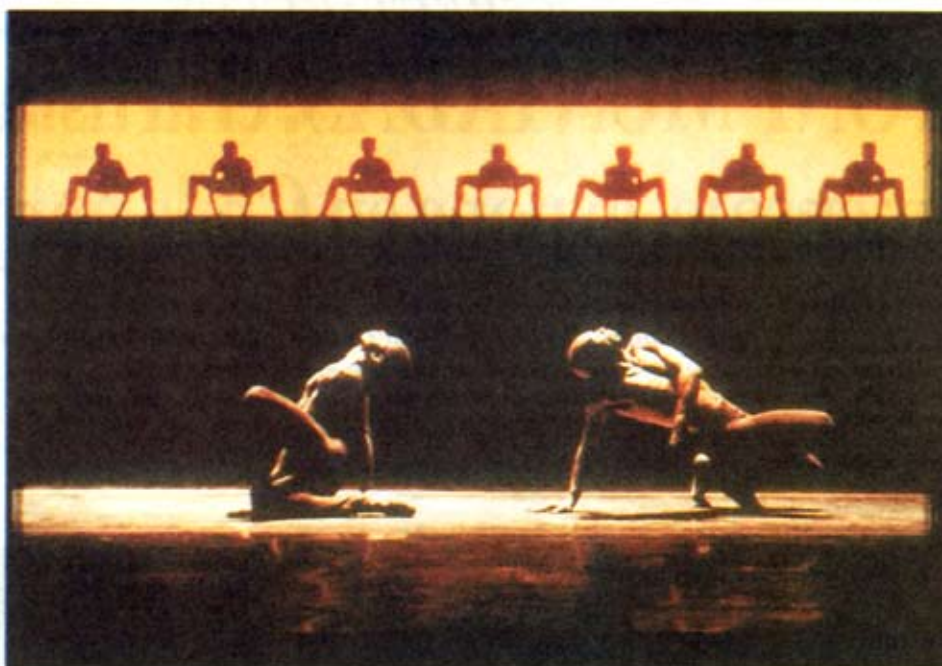
O branco impera quando os bailarinos trazem ao palco a essência de movimentos do Congado, mas as cores fortes arrebatam o espetáculo. Ombros, pés, pélvis trabalham em harmonia com o cenário em tom de café, com interferências de linhas pretas, que marca a abertura de *Benguelê*. 2º espetáculo do Corpo e que foi concebido por Fernando Veloso e Paulo Pedreira.

O fim, numa passarela, se desenrola com grandes tiras coloridas ao fundo. São elas que ilustram a mistura cultural, a grande caminhada, “quase cinematográfica”, na visão do idealizador de *Benguelê*.

Benguelê demorou quatro dias para nascer, tempo que durou as negociações entre Rodrigo, Paulo Pedreira, *Iluminador* e coreógrafo do Corpo) e o cantor João Bosco. “Ficamos conversando sobre a tribo. Já tinha convidado o João Bosco para fazer-la, mas na época ele não pôde” conta o coreógrafo, revelando que o músico foi escolhido por ter um trabalho que reflete a proposta de *Benguelê*, de ressaltar a influência cultural negra no país. A tribo do espetáculo e também a de *Paralélis* estarão à venda em CDs homônimos disponíveis no foyer do Teatro Nacional.

ENTREVISTA

BENGUELÊ
Estreia hoje, às 21h, na sala Villa-Lobos do Teatro Nacional. Em cartaz até domingo (20h). Ingressos: R\$ 20,00 (triunfo) e R\$ 14,00 (ordalhão).



● Grupo de danza contemporánea "Corpo" se presentará en lugar de "Manon", título que originalmente debía haberse representado en estos días.

Compañía brasileña reemplazará hoy, en el Municipal, a ballet en huelga

Entre hoy y el próximo domingo 21 de noviembre se presentará en el Teatro Municipal el ballet contemporáneo brasileño "Corpo". El grupo ya se había presentado con mucho éxito en la misma sala en 1995 con motivo de una gala organizada por la Corporación de Amigos del Teatro Municipal.

En esta oportunidad, la compañía —cuya dirección artística, escenografía e iluminación es obra de Paulo Pederneiras— se presentará en Chile con 18 bailarines en un programa que contempla las obras "Parabelo" y "Benguelé".

Este espectáculo reemplazará a "Manon", título que el Ballet de Santiago debía presentar en estas mismas fechas.



Según señala la Corporación Cultural de la Ilustre Municipalidad de Santiago, en comunicado de prensa, "aun cuando los integrantes de la compañía se reincorporarán al trabajo en una fecha próxima, las exigencias de ensayos que "Manon" requiere y que no fueron posibles de realizar, hacen igualmente imposible su estreno". Se informó que esta obra sí será considerada para abrir la Temporada de Ballet 2000.

La compañía "Corpo" acaba de realizar una gira por Europa donde recibió excelentes críticas, una de las cuales lo califica como "un espectáculo fascinante, con todo el encanto de la más atractiva danza contemporánea de Brasil".



CORACÃO iluminado, filme de Hector Babenco com Xuxa Lopes, estreia na Argentina

PÁGINA 4

caderno 2

diário da tarde

BELO HORIZONTE, 3 DE DEZEMBRO DE 1994

O CORPO BRASILEIRO

Grupo Corpo homenageia a cultura africana em *Benguêlé*, balé que estréia hoje em BH

A influência negra na cultura brasileira é o tema central do novo espetáculo do Grupo Corpo, *Benguêlé*, que depois de ser apresentado em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Porto Alegre e Curitiba, encerra, em Belo Horizonte, sua temporada. A montagem, com trilha sonora assinada por João Bosco, estreia hoje, às 21 horas, no Grande Teatro do Palácio das Artes (av. Afonso Pena, 1537, Centro).

Para o deleite dos fãs mineiros, o programa é duplo. Artistas de *Benguêlé*, será interpretado o já conhecido *Parabolo* — que reproduz a atmosfera do sertão do Piauí.

Respeitado internacionalmente, o Grupo Corpo vai estar em cartaz na cidade até segunda-feira, dia 7, sempre às 21 horas. Os ingressos custam R\$30. Falando sobre sua mais recente criação e da emoção de voltar para "casa", o coreógrafo Rodrigo Pederneras conversou ontem com o DIÁRIO DA TARDE, enquanto se preparava para o ensaio geral do espetáculo.

DIÁRIO DA TARDE — Qual a sua avaliação desta turnê e a expectativa do grupo ao se apresentar novamente na capital mineira?

RODRIGO PEDERNEIRAS — Esta turnê nacional começou no dia 18 de outubro, em São Paulo, quando estrou *Benguêlé*. Depois disso, em todos os lugares por onde nós passamos foi uma maravilha. Os teatros esgotaram em todos os espetáculos, com uma reação impressionante do público. Já saindo outro a microeconomia! Agora, aqui em BH é sempre uma coisa especial, porque é a nossa casa, é o Palácio das Artes já reformado, novinho, que está uma beleza. Então a expectativa... não sei se é expectativa, mas a emoção é maior. De estar fazendo este trabalho aqui e, mais ainda, fazendo a turnê.

DT — Por que fechar a turnê aqui, e não abrir?

PEDERNEIRAS — Isso depende muito de data. Porque, com a reconstrução do Palácio das Artes, a gente não tinha certeza de datas ainda. Então, levei que ficar para o final. Não teve outra alternativa.

DT — Como surgiu a idéia do *Benguêlé*? Como é a coreografia?

PEDERNEIRAS — O *Benguêlé* vem dar continuidade a um tipo de trabalho que o Grupo Corpo vem fazendo, que é de criar uma linguagem coreográfica realmente brasileira. E, cada vez, nós vamos nos aprofundando mais nesta linguagem, que está sendo criada, não é uma linguagem ainda codificada. Inclusive, pretende-se



BENGUÊLÉ em trilha sonora assinada por João Bosco e fica em cartaz no Palácio das Artes até segunda-feira

disparar a um tempo criar um código a partir desta linguagem, mas hoje a nossa preocupação é absolutamente artística. E a idéia inicial do *Benguêlé* era mergulhar um pouco mais nas influências da cultura africana, na influência negra na arte brasileira, principalmente na dança e na música.

DT — E como foi colocar esta idéia em prática?

PEDERNEIRAS — Quando surgiu esta idéia, a primeira pessoa que me veio à cabeça foi o João Bosco, porque a influência africana é muito presente na música dele. Ai, nós conversamos com ele, e ele deu outras idéias também, de buscar outros tipos de influências que existem na cultura brasileira. E eu acho que o espetáculo é um pouco isso: é buscar um pouco as influências que nós tivemos ao longo do tempo, na arte de uma maneira em geral, com predominância obviamente da dança, que eu acho que é a mais forte. Nós não tivemos influência nenhuma tão grande como a influência negra, em nossa arte, em nossa cultura.

DT — O que mais o impressiona na cultura africana, no jeito de ser do negro?

PEDERNEIRAS — Não sei o que mais me impressiona, não. Nem me preocupo com isso também, não. Quer dizer, eu acho que na parte de dança existe uma soltura na forma de dançar. Uma liberdade muito maior, uma facilidade, talvez. Uma sensualidade maior. Eu acho que isso aí é muito marcante. No espetáculo, nós mostramos mais a maneira de dançar do negro. Nós pegamos mais este lado da alegria que nos trouxe esta influência negra. Isto é uma das coisas mais importantes que nós temos, este legado que eles deixaram. Esta alegria de ser, esta alegria de dançar, este saber dançar.

DT — E como foi o preparo do Grupo Corpo para chegar a este resultado?

PEDERNEIRAS — Um preparo normal. Não fizemos pesquisas com nada. Porque eu acho que isso tudo está em nós. Eu tenho sangue negro, todo mundo tem, graças a Deus. E a vida

interior nós convivemos com isso. Até hoje eu participei muito, em cidades de interior, perto de Ouro Preto, dessas festas populares, principalmente do Folia de Reis e Congado. Eu estou muito presente nisso, todo mundo do grupo também está. Então, não teve nada disso, de ir atrás. De sair para pesquisar... Foi pegar certas peculiaridades que existem nestas festas e, a partir daí, fazer uma criação obviamente contemporânea.

DT — Você pode nos contar um pouco como é o espetáculo?

PEDERNEIRAS — A idéia é que o espetáculo venha crescendo. O *Benguêlé*, especificamente, a idéia é que fosse um não compressor. Que começasse a coisa em um pipete assim... absoluto, e não parasse mais. E ele tem um pouco isso, esta idéia de se manter o tempo todo ali, com a corda esticada, sem que ele relaxe um segundo.

DT — E o cenário, o figurino? Como que vocês buscaram isso?

PEDERNEIRAS — O cenário são

três partes distintas. Tem a primeira, que é um pouco mais escura, que é um preto sobre o chão só de fundo. Tem uma outra parte que tem uma passarela no fundo, onde inclusive os bailarinos fazem o papel em pouco de cenário. Uma coisa meio de cinema. É um plano em cima do palco que é utilizado. E depois, no final, o cenário explode em cores, cores bem interessantes mesmo. Uma gama de cores peculiar ao interior de Minas Gerais.

DT — E por que a escolha da palavra *Benguêlé* para o título do espetáculo?

PEDERNEIRAS — Primeiro porque tem uma música na trilha que se chama *Benguêlé*. É uma música do Pimpinha. E *Benguêlé* vem de Benguela, que é uma região da África. E este final "é" dá idéia de "saúde de Benguela". Então, significa "saúde de Benguela".

DT — Ao chegar agora ao final desta turnê, vocês já estão com alguma coisa engatilhada para um futuro próximo?

PEDERNEIRAS — Já. O Arnaldo Antunes já está fazendo a trilha do próximo espetáculo. Especificamente, ainda não tem ainda uma coisa definida. O que nós queremos é fazer uma coisa um pouco mais urbana. Daí a idéia do Arnaldo, porque a música dele é muito urbana. Durante nossas apresentações em São Paulo, ele assistiu nosso espetáculo várias vezes e nós conversamos muito, passamos um dia inteiro na casa dele, exatamente vendo isso. Para começar a ter idéias. Então, ele já está pensando o lado dele lá. Nós, aqui, ainda estamos envolvidos com a turnê, mas a partir de dezembro vamos voltar a São Paulo para discutir mais a esta respeito. A princípio, a idéia é fazer um espetáculo sobre o carnaval. Mas, pode mudar tudo. As vezes, no caminho das coisas, vão surgindo outras idéias que parecem ser muito importantes, muito mais empolgantes. Fora isso, estamos com a agenda cheia até o ano 2000, isso falando só das apresentações no exterior.

SÂNARA D'ARMADA



Em suas coreografias o grupo Corpo realiza uma mixagem entre a tradição popular brasileira e a dança contemporânea

REMELEIXO

contemporâneo

No palco, passos de dança clássica dão lugar a sensualidade de batidas de pé e remelexos de quadris, ombros e peitos. A diversidade do Grupo Corpo justifica o sucesso com que os bailarinos da companhia mineira vêm atrair o público nos mais diversos cantos do mundo.

Grupo Corpo apresenta de hoje a segunda-feira, na Sala Villa-Lobos, as coreografias: Sete ou Oito Peças para um Ballet e Benguelê

O Grupo Corpo volta a Brasília apresentando combinação de duas coreografias anteriores. *Sete ou Oito Peças para um Ballet e Benguelê*. O público brasileiro terá oportunidade de conferir o espetáculo, de hoje a segunda, na Sala Villa Lobos do Teatro Nacional.

Sete ou Oito Peças para um Ballet estreou em 1994 e é uma espécie de estúdio para a composição de uma obra. E como se existissem esboços

como forma de sugestão de uma produção não acabada, com sentido de transitoriedade, eliminando o caráter de permanência. Assim como os corpos não são estáticos, certos componentes do espetáculo instigam diversas leituras que percorrem a sensibilidade do público. O trânsito entre o minimalismo recorrente das composições de Philip Glass e a sonoridade do grupo mineiro Uakti permitiu ao coreógrafo a execução de movimentos que se repetem num eixo entre o ênfase e a perfeição.

A obtenção do máximo efeito a partir da mínima execução e relogada pelo coreógrafo Fernando Veloso. O artista plástico define seu trabalho como "minimal tropical". As listras verticais que ilustram o palco remetem o espectador ao contexto brasileiro contemporâneo, reforçado por longas faixas em tons de verde, azul e amarelo. Os figurinos, assinados por Freusa Zechmeister, repetem os tons do cenário. A outra cor da bandeira brasileira, o branco, fica por conta da iluminação de Paulo Pedreiras.

A segunda parte da apresentação mostrará *Benguelê*, espetáculo que estreou ano passado. *Benguelê* exalta as raízes da cultura brasileira e as influências africanas na música e na dança popular. A partitura de movimento dos corpos foi construída sobre a música de João Bosco. A trilha sonora, composta especialmente para o Grupo Corpo, é dividida em três partes.

A primeira apresenta um mosaico sonoro de regiões brasileiras e recriações de influências estrangeiras na cultura nacional. Gêneros como chorinho, calango (composição tipicamente mineira) e lamento nordestino integram a primeira etapa musical, juntamente com a leitura de Pixinguinha Uirabu Malandro. As outras duas partes remetem a uma faceta mais vigorosa da obra de João Bosco, que recria uma inventiva leitura da tradição musical brasileira. A segunda parte, batizada de *Travessia*, reúne desdobramentos de um diálogo entre um índio Xavante e um tenor.

A multiplicidade de João Bosco instala uma dialética que reinventa as formas segundo o dinamismo dos bailarinos. Na terceira parte, a coreografia segue ao som de *O Melô* e de *Garimbo*, de João Bosco. Do início ao fim, a diversidade musical evoca ritmos afro-brasileiros. Num movimento frenético, as figuras humanas destacam-se em movimentos ritualísticos.

Os movimentos do Grupo Corpo, criado em Belo Horizonte em 1973, não param. Os bailarinos da companhia mineira estão ensaiando um novo espetáculo, ainda sem nome. Desta vez, o Grupo conta com trilha sonora composta pelo ex-104 Arnaldo Antunes. O coreógrafo do Grupo, Rodrigo Pedreiras, antecipa que a procura por Arnaldo Antunes surgiu em busca do lado mais

urbano, da ideia de obsessão que o homem busca incessantemente. "No trabalho que estamos ensaiando, vivemos a obsessão como única forma de sobreviver. É uma luta bastante mecânica do ser humano", relata o coreógrafo que adianta estar desenvolvendo um trabalho bem diferente dos anteriores. Rodrigo Pedreiras conta que, dos 45 minutos da trilha sonora, já estão esboçados 20 minutos. Ele destaca os jogos de palavras como um dos aspectos mais interessantes do trabalho de Arnaldo Antunes.

No próximo espetáculo do Grupo Corpo, os ritmos brasileiros não estarão tão evidentes, mas conforme explica o coreógrafo do Grupo: "a trilha de Arnaldo Antunes dá um tratamento contemporâneo a esses ritmos". Rodrigo Pedreiras afirma não saber ainda se a ideia inicial do espetáculo deve se alterar. Ele conta que a proposta está caminhando de tal forma que não pensa em modificar a ideia inicial do projeto. O próximo espetáculo tem estreia prevista para meados do ano que vem.

RENATA CALDAS

REPÓRTER CULTURAL DE BRASÍLIA

• Grupo Corpo. *Sete ou Oito Peças para um Ballet e Benguelê*. Sala Villa Lobos. De hoje a segunda, sexta e sábado às 20h. Domingo, às 20h. Segunda, às 19h. Coreografia de Rodrigo Pedreiras. Música de Philip Glass, Uirabu e João Bosco. Ingressos a R\$ 20 e R\$ 15 (meia).

DIA:

● Nossa Senhora das Mercês

AGENDA

DE CONVENIÊNCIA

1999
SETEMBRO
24
Sexta-feira



APRECIE \ Coreografias do Corpo

Para deleite do público esta de volta aos palcos de Brasília o Grupo Corpo para quatro apresentações na Sala Villa-Lobos. Esta é a primeira vez que o grupo cotubina em um único espetáculo as coreografias *Sete ou Oito Peças para um Ballet* (foto), de 1994, e *Benguell* (foto), do ano passado. A primeira parte, coreografada por Rodrigo Federneiras, tem trilha sonora fria e obsessiva criada pelo compositor minimalista Uakti, inspirando movimentos repetitivos por parte dos bailarinos. A segunda parte, *Benguell*, apresenta música de João Bosco com forte influência de ritmos africanos, indianos e europeus induzindo a uma coreografia mais entusiasmada, com movimentos ritualísticos e festivos. O Grupo Corpo, criado em 1975, é conhecido por mesclar ao balé as raízes brasileiras, sempre acompanhado de trilhas sonoras especialmente compostas e um apuro cênico incomparável. Um programa altamente qualificado. Não perca.



● Grupo Corpo - *Sete ou Oito Peças para um Ballet e Benguell*. Coreografia de Rodrigo Federneiras. Músicas de Philip Glass, Uakti e João Bosco. Na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional. De 24 a 27 de setembro. Sexta, sábado e segunda, às 21h. Domingo, às 20h. Ingressos: R\$ 30 (inteiro) e R\$ 5 (meio).

CONTEMPLA \ a sutileza dos objetos

O artista plástico, arquiteto, urbanista, professor universitário, bacharel e licenciado em História, Geografia e Música Decio Bracher (foto) conseguiu transformar todo o seu aprendizado acadêmico em arte. Desde que iniciou-se nas pinturas a óleo e aquarela, ainda criança, deixou transparecer a verve de artista sensível que carregava. O mineiro se despede hoje de Brasília com sua mostra, uma reunião das mais recentes aquarelas, óleos e desenhos. Nas peças, pode-se observar o lado mais intimista de Bracher, influenciado por outras formas de arte com as quais manteve contato. Nas palavras do próprio artista: "Aquarela é grandeza do intimismo, que não se presta ao clamor de sinfonias, mas à fluência de Bach, aos reflexos de Debussy". Utilizando cores e traços, Decio Bracher consegue capturar objetos em momentos de sutileza, sem recorrer de forma alguma à banalidade.



● Decio Bracher. Exposição de aquarelas, óleos e desenhos do artista plástico. Vendeção das 9h às 18h, na Sala de Exposições do Espaço Cultural da Câmara dos Deputados. Último dia.

Cinema: Warner vai distribuir 'Orfeu do carnaval', de Cacá Diegues • 2

SEGUNDO CADERNO

Gastronomia: 'Chefs' franceses se unem para brigar com italianos • 12

QUINTA-FEIRA, 5 DE NOVEMBRO DE 1998

Cia Aérea de Dança estreia 'Mandinga'

Coreografia conta a história do samba no palco do Cacilda Becker

Depois de explorar a dança de salão no espetáculo "Mistura e manda", a Companhia Aérea de Dança mergulha na religiosidade afro-brasileira para contar a história do samba. Em "Mandinga", que estreia hoje, no Teatro Cacilda Becker, o coreógrafo João Carlos Ramos viajou no tempo para descobrir no Retiro e no Congado dos antigos quilombos a ancestralidade do ritmo mais popular do Brasil.

— Queremos mostrar que é possível fazer uma coreografia a partir do que é espontâneo e popular e nos entregamos ao samba com a seriedade de quem desenvolve uma tese — explica o coreógrafo.

Com música de Tullio Mourão, "Mandinga" é dividido em três partes: "Cânticos", que mostra a influência das vogais no samba; "Fragmentos", que mostra como as lendas africanas e as entidades do candomblé influenciaram o samba; e "Festejos", que apresenta as diferenças no ritmo nas diversas regiões do Brasil. ■

Campanha de Betinho ganha força com CD

Festa de lançamento reúne artistas; Milton Nascimento faz show

Moestra da Silva, da alegria de seus 96 anos, comandou a platéia entoando "Atire a primeira pedra" (de Alceu Alves e Mário Lago). Milton Nascimento resurgiu com o aplaudido show "Tambores de Minas" e dezenas de artistas prestigiarão. Antecorrem à noite, no Metropolitan, não faltaram atrações para marcar o lançamento do CD "Brasil são outros 500" — com duetos de cantores-atores — durante a homenagem que o Comitê Rio da Ação da Cidadania Contra a Fome e Pela Vida fez ao sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, que teria 63 anos, e iniciando oficialmente a cruzada "Natal sem fome".

— Meu pai deve estar correndo para cá, porque ele é lá número um do Milton (Nascimento, que se apresentará logo depois) — disse Daniel de Souza, filho de Betinho e idealizador do projeto do CD.

Cerca de 1.500 pessoas prestigiaram o evento, que teve ainda o lançamento do selo de Betinho pelos Correios, representados por Nelson de Andrade Junior. Os atores Máthi Proença e Tony Ramos — que apresentaram a festa — colaram os primeiros selos, ao lado da viúva de Betinho, Maria Nakano, de Daniel de Souza e do presidente do Comitê Rio, Maurício de Andrade.

— Lembra-me do que o Betinho dizia: "O que faz um país não é sua economia, mas sua cultura" — disse Andrade, referindo-se ao apoio da classe artística ao evento, em sua sexta edição.

Durante a festa, foi exibido o making of das gravações do disco — que foi produzido com apoio da iniciativa privada e prensado pela Som Livre — além do clipe oficial da campanha. A renda da venda do CD será revertida integralmente para o "Natal sem fome". ■



DOIS BAILARINOS DO Grupo Corpo numa das cenas de "Benguelê", que será apresentado hoje com a presença do ministro Welfort; passos sinuosos a partir da música de João Bosco

DIA DA CULTURA: Grupo Corpo marca a data estreando no Municipal o balé "Benguelê", com um pé na tradição e outro no futuro

A ginga erudita

Barbara Heliodora

DANÇA A notável trajetória do Grupo Corpo tem sua continuidade lembrada no laço de seu programa anual ser de regis composto pela apresentação do ano anterior no momento do estrear do novo trabalho: e assim acontece com "Benguelê", que é visto agora precedido pelo "Parabolo", de 97. A coreografia de Rodrigo Pederneras para a obra já conhecida foi criada sobre música de Tom Zé e José Miguel Wisnik, de ritmo forte e repetitivo quase tão insistente quanto o "Bolero" de Ravel, e é de força e acabamento notáveis e, para fins de relacionamento com a nova criação, tem principalmente na parte final

um belo aproveitamento do mais que famoso gingar brasileiro.

Em "Benguelê" a música de João Bosco oferece, não só em sua própria mescla sanguínea mas também na riqueza dos folgores tradicionais do Brasil, um terreno fértil para novas procuras: assim como o mais clássico balé nasceu da elaboração do passo de danças populares européias, o novo trabalho de Pederneras busca elaborar, sem qualquer apelação do falso suif, uma forma erudita brasileira na qual o corpo, mesmo quando disciplinado, apresenta movimentos soltos, sinuosos, gingados. Se Bosco usou fontes variadas, Pederneras procurou criar em sintonia com cada ritmo e clima, e o recurso a dois planos tem ótimo

rendimento visual. Ambas as coreografias de Fernando Velloso e Paulo Pederneras são exemplares em: discrição e funcionalidade, do mesmo modo que ótimos em ambos são os figurinos de Freusa Zechmeister e a iluminação de Paulo Pederneras.

Executado com a precisão e a elegância de sempre, o novo espetáculo do Corpo, tanto no conjunto quanto no trabalho dos solistas, é o prazer de sempre.

"Benguelê" estreia hoje no Teatro Municipal numa sessão fechada para convidados, depois da entrega do Prêmio Ministério da Cultura, que terá a presença do ministro Francisco Welfort. ■

• AS MUDANÇAS DA CULTURA, nas páginas 4 e 5

Premiere: June 1994

UK Premiere: Sadler's Wells 21st June 1996

seven or eight pieces for a ballet

Choreography Rodrigo Pederneiras

Music Philip Glass

Arranged by Marco Antonio Guimaraes

Interpreted by UAKTI Oficina Instrumental

Costumes Freusa Zechmeister

Seting Fernando Velloso

Lighting Paulo Pederneiras

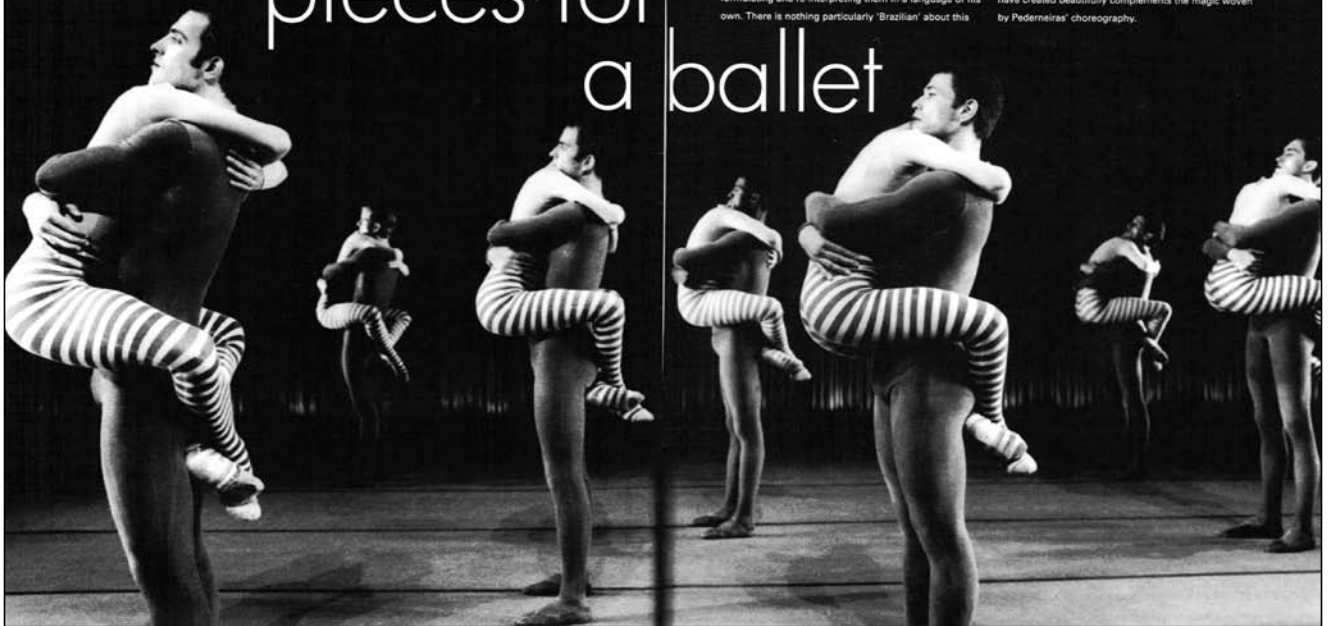
Friday 21st and Saturday 22nd June

Seven or Eight Pieces is Rodrigo Pederneiras' most recent choreography for Grupo Corpo. The music was specially commissioned from Philip Glass, already well established in the world of contemporary dance with his works for Jerome Robbins and Twyla Tharp. From his twelve pieces for piano Marco Antonio Guimaraes (composer of the music for 21) selected and re-interpreted instrumentally the score for this ballet.

language and yet it calls for all the suppleness and loose-limbed rhythm with which Brazilian dancers seem to be born. As in some of his other choreographies, the sequences in which these qualities of the dancers are allowed to flourish are contrasted with ensemble sections marked by clockwork precision and minimalist movement.

From the opening sequences, reminiscent of movements in a video game, to the finale Pederneiras' choreography is an exploration of body movement in space. Some of the conventions of classical ballet, of jazz or of Martha Graham's style are evident but he succeeds in re-formulating and re-interpreting them in a language of his own. There is nothing particularly 'Brazilian' about this

Paulo Pederneiras, Freusa Zechmeister and Fernando Velloso have been responsible for lighting, costumes, and setting in all Grupo Corpo's recent productions. Their work has been acclaimed by the critics and has received various awards but possibly in this ballet they have surpassed previous achievements. The visual effect they have created beautifully complements the magic woven by Pederneiras' choreography.



SPECTACLES

THÉÂTRE

« Les fourberies de Scapin »

Mathias Simon signe une version tonique et décapante de la pièce de Molière.

Un grand moment de théâtre. En début d'une thématique frivole, « Les fourberies de Scapin » est un pur bijou de construction dramatique. En renouant, deux ans avant sa mort, avec le registre comique dans la veine de la commedia dell'arte du théâtre populaire, Molière prouve ainsi qu'il maîtrise parfaitement les ficelles d'un genre qu'il a porté à des sommets rarement égalés.

Comédie d'intrigue, basée sur le mouvement, cette pièce impose un rythme effréné et une précision d'horloger dans les enchaînements qui ont souvent découragé les scénographes. Ce n'est pas le cas de Mathias Simon, un metteur en scène de 30 ans, qui a dirigé deux productions pour le Théâtre National de Bruxelles, et qui a relevé le défi avec une équipe de jeunes acteurs qu'il a contribué à former en marge du Conservatoire de Liège.

Sur scène, sur un fond de ciel perturbé par les nuages, l'aquise de la proue d'un bateau en bois et une voile relevée constituent les éléments du très beau décor de Virginie Duployez. L'espace ainsi libéré qui met idéalement en valeur les costumes complètement déjantés de Greta Goris, fait de Scapin une arène idéale pour ses affrontements avec le duo des pères.

En s'appuyant sur le jeu très physique, jamais excessif, de ses comédiens, en privilégiant les ressorts comiques, Mathias Simon aborde Molière avec un tonus et une fraîcheur qui restituent le caractère jubilatoire et satirique de la pièce sans tomber dans la comédie de caractère.

Les personnages semblent inspirés par les vieilles gravures populaires. Les perches (Hyacinthe et Zerbinette) et les demoiselles



(Octave et Léandre) adoptent des postures pastichant les héros de romans-pastiches. Les notables semblent croqués par Daumier. Finalement, seuls les deux valets, sacrifiés sur l'autel de l'avarice et des conventions, conservent un aspect humain.

Mais cette version tonique et décapante de « Fourberies de Scapin » n'attendrait pas cette perfection s'il n'y avait un plateau bondissant qui moule sa chemise pour suivre le tempo rapide d'une mise en scène fourmillante de trouvailles et de gags. Si les filles semblent en retrait, on le doit avant tout à une partition sollicitant davantage l'élément masculin.

Dans ce domaine, les acteurs méritent un coup de chapeau ! En tête Frédéric Ghesquière, Scapin bondissant, roi de la comédie, et les deux pères, irrésistibles avec leur silhouette de gallinacos, qu'interprètent Jean-Luc Coucard (Géronte) et Fabrice Schilli (Angeante).

A. MAFRA
Théâtre de la Croix-Rouge jusqu'au 9 octobre. Téléphone 04.72.07.49.49.

DANSE

La fête à la Maison

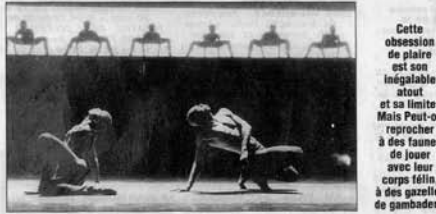
Judi soir, la bonne humeur communicative de Grupo Corpo a grisé l'inauguration de la Maison de la Danse renouée

Une fête incroyable. Voilà sans doute ce qui caractérise la danse festive, visuellement jouissive de cette compagnie brésilienne qui porte bien son nom.

Avec Grupo Corpo, pas d'austérité mal placée. Le groupe forme une tribu aussi sautillante que facétieuse, et les dix-huit danseurs tirent le maximum de sensibilité d'un corps qui ne cache pas son envie de séduire, de s'en donner à cœur joie, ni de « forcer du cul » au rythme d'une musique indéniablement faite pour les déhanchements et la parade nuptiale. En écho, la chorégraphie a parfois la fâcheuse tendance à « vivre » la moindre note, quitte à illustrer la bande sonore de façon un peu clipeuse. Mais telle est la raison d'une frénésie populaire qui remet les pendules à l'heure en rappelant à la danse « blanche » ce que l'expression « avoir le rythme dans la peau » signifie.

S'il fallait jouer le trouble-fête, et dénicher un autre berno à l'allégorie communicative de Grupo Corpo, on mettrait en avant le côté purement divertissant et agaçant de ces numéros, qui s'intéressent en priorité à la surface colorée des choses. Cette obsession de plaire est son inégalable atout et sa limite. Mais peut-on reprocher à des danseurs de jouer avec leur corps, à des gazelles de gambader ?

Toujours est-il que le discours « social », puisque l'on y va en un pas, la trappe. On ne voit pas en quoi « Parabelo » parle d'une région « aride et peu urbanisée du Brésil ». De même, qui saurait prétendre que « Benque-



Cette obsession de plaire est son inégalable atout et sa limite. Mais peut-on reprocher à des danseurs de jouer avec leur corps, à des gazelles de gambader ?

Jusqu'au 16 octobre, Maison de la Danse, 04.72.78.18.00.

HUMOUR

Stéphane Rousseau - Si ça marche avec les Lyonnais, ça pourrait marcher à Paris.

Stéphane Rousseau est un star dans son Québec natal. Il veut séduire le public français et débute sa conquête de l'est à Lyon.

Rencontre

Stéphane Rousseau vous connaissez ? Non ! Ou pas encore ! Stéphane Rousseau est un star dans son Québec natal. « Notre cousin » débute à treize ans. Tout jeune, il fait tout ce qu'il peut pour faire rire sa mère, malade, puis à décide de faire rire des salles entières. Depuis, il enchaîne les succès et récompenses. Plus d'un demi-million de spectateurs ont vu ses deux premiers spectacles !

« Il y a longtemps que je voulais jouer en France, mais je ne me sentais pas prêt. Je le fais aujourd'hui pour mon expérience personnelle. Ça représente gros », explique Stéphane Rousseau. « Je ne repars pas totalement à zéro car j'ai mon expérience de scène. Mais mon nom ne m'est rien. Ça ne pèse rien, il y a longtemps que je n'en ai pas fait. »

Il a donc du sélectionner une partie de son répertoire. « Tu es trop français, reste québécois ! » lui a conseillé quelquefois Pascal Legitimus, son adaptateur et co-metteur en scène. Ce spectacle est relativement sobre. Pour l'instant j'ai suis sur scène avec mon micro et ma guitare ». Car Stéphane Rousseau est chanteur, joueur, interprète des monologues, imiter. « Je parle la vie ! »

Pour conquérir la France, il a choisi de débiter à Lyon. « Ce n'est pas un public facile. Si ça marche avec les lyonnais, ça pourrait marcher à Paris. Et ça marche ! Jeudi soir, pour sa première lyonnaise, le public a été emballé : la salle était pleine de rire », un vrai show man comment-il a la sortie !

JACQUES ROYBIN
Ce soir au Rail théâtre, tel. 04.78.83.05.68.

MUSIQUE

ONL : concert catastrophe en ouverture

Rendez-vous la semaine prochaine pour la véritable ouverture de la saison 1999/2000 avec Emmanuel Krivine

Il y a un conducteur du dimanche au volant d'une Ferrari. La catastrophe assurée, le gâchis obligatoire. C'est un peu ce qui vient d'arriver à l'Orchestre national de Lyon dirigé jeudi soir par le chef allemand Karl Anton Rickenaicher qui remplaçait Gérard Korsten, indisponible suite à un deuil familial. Son interprétation de la Symphonie n°4 de Brahms fut curieusement inopportune et « La Première Nuit de Walpurgis » de Mendelssohn a été sauvee du naufrage par des Chœurs de Lyon toniques et riches en couleurs. En dépit du train de sénateur adopté par le « maestro ». On oublierà donc très vite ce concert inhabituel, sans âme et désarticulé; ce paysage musical genre plat pays morne et apocryphe à souhait. Rendez-vous la semaine prochaine pour la véritable ouverture de la saison 1999/2000 avec Emmanuel Krivine et l'O.N.L. dans le Triple Concerto de Beethoven avec Augustin Duvernoy, Jian Wang et Maria Joao Pires.

J.-M. DURAND
Même programme samedi 9 octobre à 18h-places de 80 à 280€-renseignements au 04.78.95.95.95.

Les voix de Fourvière

Premier concert de la série Prestige vocal à Fourvière, ce soir dans la crypte.

La saison nationale des jeunes A Courje inaugure ce soir la troisième saison de Prestige vocal à Fourvière. Au programme : des chansons françaises signées Georges Auric, Florent Schmitt et Darius Milhaud sur des textes du XVIe siècle. Les concerts sont donnés dans la crypte de la basilique qui a subi une petite cure de jeunesse durant l'été. Soit annoncés pour les mois à venir : le Chœur de jeunes femmes de Riga (7 novembre), l'ensemble de Labrinthe dans les Vespro della beata Vergine de Monteverdi (5 décembre), le Grand Chœur et ensemble vocal A Courje de Grenoble (Poulenc et Martin le 18 décembre). Ne pas manquer le remarquable ensemble féminin Calliope en février 2000. Les prix des places n'excèdent pas 50 francs. Il existe une formule d'abonnements très souple pour trois, quatre ou cinq concerts.

Prestige vocal à Fourvière, ce soir, à 20h20 dans la crypte-enseignements au 04.78.25.13.01 de 10 heures à 17 heures.

AGENDA

MUSIQUES DU MONDE	SCÈNES
Syeyeram Musique camerounaise (musique classique de l'Inde du sud) avec la chanteuse Aruna Syeyeram. Accompagné par Duraisamy, Swaminathan au violon. Ce soir à 20 h 30 à l'Amphithéâtre de l'Opéra, place de la Comédie.	Les Affamés Récital à Léo, ça va + 1200 chansons de Léo Ferré pour la reprise de la comédie des Affamés et de Bacchus (Café). Ce soir à 20 heures, 2 rue du Bon Pasteur Lyon 1°.

30-Day Planning

FRIDAY 30 SATURDAY 31 SUNDAY 1 MONDAY 2 TUESDAY 3 WEDNESDAY 4 THURSDAY 5 FRIDAY 6 SATURDAY 7 SUNDAY 8

Future File

RECORD MONTH PLANNING FOR

John White The Boston-based writer who began her compelling career while studying in London, she has recently returned to the States to report on the latest news. She will be in the States for the next few weeks. She will be in the States for the next few weeks.

Paula Brown Paula Brown has been one of the most popular authors in the States for several years. She will be in the States for the next few weeks. She will be in the States for the next few weeks.

John White The Boston-based writer who began her compelling career while studying in London, she has recently returned to the States to report on the latest news. She will be in the States for the next few weeks. She will be in the States for the next few weeks.

Paula Brown Paula Brown has been one of the most popular authors in the States for several years. She will be in the States for the next few weeks. She will be in the States for the next few weeks.

John White The Boston-based writer who began her compelling career while studying in London, she has recently returned to the States to report on the latest news. She will be in the States for the next few weeks. She will be in the States for the next few weeks.

Paula Brown Paula Brown has been one of the most popular authors in the States for several years. She will be in the States for the next few weeks. She will be in the States for the next few weeks.

ARTS

"A New Year" Portland Center Stage will be presenting a new production of "A New Year" by [Author Name]. The production will be presented at the [Venue Name] on [Date].

MUSIC

John White The Boston-based writer who began her compelling career while studying in London, she has recently returned to the States to report on the latest news. She will be in the States for the next few weeks. She will be in the States for the next few weeks.

THEATRE

Paula Brown Paula Brown has been one of the most popular authors in the States for several years. She will be in the States for the next few weeks. She will be in the States for the next few weeks.

FAMILY

John White The Boston-based writer who began her compelling career while studying in London, she has recently returned to the States to report on the latest news. She will be in the States for the next few weeks. She will be in the States for the next few weeks.

EVENTS

Paula Brown Paula Brown has been one of the most popular authors in the States for several years. She will be in the States for the next few weeks. She will be in the States for the next few weeks.

TRAVEL INFO

John White The Boston-based writer who began her compelling career while studying in London, she has recently returned to the States to report on the latest news. She will be in the States for the next few weeks. She will be in the States for the next few weeks.

"Rotunda" de Ribeirão Vermelho é palco de curta-metragem

Um grupo de cineastas da Inglaterra, que andou à cata de um local ideal para a filmagem de uma história surrealista, encontrou, em Ribeirão Vermelho, o palco perfeito para um curta-metragem de 45 minutos.

A famosa e histórica "rotunda", ora em ruínas, está sendo o pano de fundo para o desenvolvimento da trama.

O cineasta André Semenza, suíço, diretor, Fernanda Lippi, mineira, coreógrafa, Marcos Waterluu, inglês, diretor fotografia, "free lancer" da BBC em Londres, querem produzir um filme de ficção, com base na intera-

ção do imaginário com a realidade, ou seja, uma espécie de adaptação ao que existe, daquilo que se supõe ser a vida e/ou um estado de coisas realmente ideal, através da dança.

Sem dúvida, há algo de Schopenhauer no enredo, considerando-se o princípio da existência do mundo como sendo o poder da representação de cada um, ou seja, cada qual vê o mundo à sua maneira, avaliando, subjetivamente, o valor das coisas, o seu significado, a sua função na arquitetura do cenário que compõe esse mundo.

A produtora é inglesa, Maverick Mo-

tion. Esse curta-metragem é o primeiro em gênero no país, e o seu lançamento está previsto para o fim do ano, e provisoriamente receberá o nome de "Metamorfose".

As gravações tiveram início na quinta, dia 28, durante o dia e também à noite, durante cinco dias, com término previsto para esta segunda, usando como cenário além da "rotunda", a casa do museu, e outras edificações próximas. No figurino consta-se também da participação de 5 bailarinos mineiros, Jacqueline Gimes, Ricardo de Paula, Marise Dinis Sousa, Heitor Pinheiro e Heloisa Pinheiro Domingos.

CINEMA

UM FILME QUE SE FEZ COM A DANÇA

Inspirada em poema de Ovídio, Fernanda Lippi realiza projeto de transformar coreografia em produção cinematográfica, com cineasta suíço e fotógrafo inglês

ROCHELI BORGES DA COSTA
 EDITORA-ASSUMIDA DO MAGAZINE

O diálogo entre a dança contemporânea com outras mídias não é novo, mas tem ganhado percursos sempre colocados na arte brasileira. Na última segunda-feira terminaram as filmagens do primeiro filme do projeto de país, coreografado pela bailarina brasileira Fernanda Lippi dirigida pelo suíço André Semenza e com fotografia do inglês Marcos Waterloo. É preciso explicar o conceito do projeto, ainda sem nome: não se trata de um espetáculo de dança filmado e, sim, de uma produção cinematográfica que tem sua história sendo contada através da reinvenção das bailarinas.

Todo aconteceu muito rápido. Do conceito do projeto ao fim das filmagens foram apenas três semanas e meia. Fernanda Lippi, que há seis anos mora em Londres e dirige teatro por aqui, é brasileira fazendo pesquisa corporal, realizou no mês passado um workshop no Estado Cidade Hermann com a participação das bailarinas Tucia Pinheiro, Helôia Pinheiro Domingues, Ricardo de Paula, Jacqueline Gimenes e Marlo Diniz. A coreógrafa identificou, entre a dança e o cinema, uma linguagem concreta e sólida que surgiu durante sua investigação de produção contemporânea brasileira — a realização de um filme de dança. “Vou bailar ainda muito no país e que ela já havia experimentado com a companhia que mantém há quase três anos na Inglaterra, a Dikstra Dance Theatre Company.

Como os atores colaboravam a favor de Fernanda, em dois profissionais de cinema com quem a bailarina havia trabalhado em Londres — o cineasta André Semenza e Marcos Waterloo — estavam no Brasil realizando o documentário “Vozes da Amazônia”. A proposta foi feita e eles aceitaram de imediato.

Equipe reduzida e com trabalho de sobra, começaram os ensaios, de onde saiu grande parte da concepção do projeto. “O filme é uma interpretação sensorial do poema Metamorfose, do escritor latino Ovídio, o que eu fui provocar extensivamente cada um dos intérpretes e despertar a personalidade dos personagens, mas houve muita colaboração criativa de cada um, que pôde colocar o próprio sentimento no trabalho. O resultado é que ficou tudo muito visceral; não é forma, é verdade”, diz Fernanda.

Puro entusiasmo é que ela chama de sensações, os bailarinos começaram nos en-

saos como terra, água, ar, fogo, barro, gelatina — um exercício performativo de que se criam as filmagens. Paralelamente, o arquiteto Eduardo Andrade, que responde pela supervisão de produção do filme, corria atrás de locação. “Eu imaginava um lugar abandonado, mas que tivesse uma história, uma espécie de memória”, conta Fernanda, que visitou várias cidades antes de se encantar por Ribeirão Vermelho.

Nota como cenário

Foi durante a procura pelo cenário imaginado pela bailarina, que Andrade se lembrou de um lugar que visitou quando ainda estava na faculdade. Ribeirão Vermelho (a 230 km de São Horizonte e próxima a Lavras) é hoje uma ruína de que já foi de antes 16 mil habitantes estão reduzidos a 2.502, que resistiram depois que a ferrovia deixou

de não bastasse o tempo perdido, carrapatos, terra, ovelhas, frio e a falta de infraestrutura da cidade contribuíam para que a produção tivesse atmosfera de filme de aventura. “Fiquei muito impressionado com os bailarinos brasileiros. Não pela técnica, que você encontra em qualquer lugar do mundo, mas pela coragem emocional do grupo”, diz Semenza. As adversidades obrigaram a equipe a providenciar um kit sobrevivência para o elenco, que, por exemplo, teve que escalar dentro da lama quando a temperatura na cidade não passava dos 3 graus centígrados. Fernanda conta: “Antes que a casa da lama acabasse, a Helôia foi toda emburrada na cobertura, para que não adoecesse. Todos os dias sempre foram felicitados ao set porque os bailarinos cantavam muita poesia e depois ficavam horas espelho terra. E lá estavam — com fome e muitas muitas vezes. A estória do elenco foi construída”.

A própria proposta coreográfica não dava chance para a comodidade. “Em alguns momentos, tratamos mais a respiração e os intérpretes tinham que ficar sem ar. Em outros, tinham que sentir dor, não tinha nada confortável e o que estava sendo buscado era a reação do corpo a essas sensações”, diz Fernanda, que criou mais história, esta, que a bailarina Helôia Pinheiro atua como o ponto de vista principal. “Uma interpretação que pode ser feita é que Helôia vai sofrer porque parte dela era que são aquelas trançadas saudades espigas. A personagem do Helôia mora no mundo deles e conhece uma sobrevivência como se estivesse esclarecendo momentos são muito resoluções na história dos outros personagens. No final, ela está sozinha”, explica André, que se define “survivente do trabalho”, já que enquanto filmava, muitas vezes ficou “dilatado”.

Antes este mês, os diretores visitam para Londres para fazer a edição do material que, quando finalizado, deverá ter 40 minutos de duração. Em setembro, é Fernanda quem embarca para a Inglaterra para fazer o filme. A previsão é que o filme seja lançado até o final do ano em São Paulo, através de uma parceria firmada com o Instituto Perseus. Depois dessa experiência em Minas, Fernanda quer manter um diálogo entre a sua companhia de Londres e os bailarinos de Ribeirão Vermelho. “Minha intenção de não voltar a eles”, diz a coreógrafa, que já está planejando para continuar trabalhando no Brasil.



Bailarina Germana em cena de filme dirigido por André Semenza na cidade de Ribeirão Vermelho

“Fiquei muito impressionado com os bailarinos brasileiros. Não pela técnica, que você encontra em qualquer lugar do mundo, mas pela coragem emocional do grupo”

CRÉDITOS

- DIRETOR**
- André Semenza
- INTERPRETES**
- Fernanda Lippi
- INTERPRETE COLABORADOR**
- Marcos Waterloo
- PROTEÇÃO**
- Márcia Mattos e Zúlcio Diniz Theatre Company
- PRODUTORA**
- Martiny Hellmann Salomão
- REALIZAÇÃO**
- Eliza do Carmo Silva Tolentino
- EDITORA DE PÓS-PRODUÇÃO**
- Eduardo Andrade
- PRODUTORES**
- Rodrigo Cello, Adalberto Calvo, Lijla Lippi
- BAI-BAI**
- Tucia Pinheiro, Helôia Pinheiro Domingues, Ricardo de Paula, Jacqueline Gimenes, Marlo Diniz



Bertha Natividade (sentada) conversa com André Semenza (à direita)



A coreógrafa Fernanda Lippi e a bailarina Tucia Pinheiro durante ensaio para as filmagens



Dança durante as filmagens em cenário abandonado da ferrovia da pequena cidade de Ribeirão Vermelho

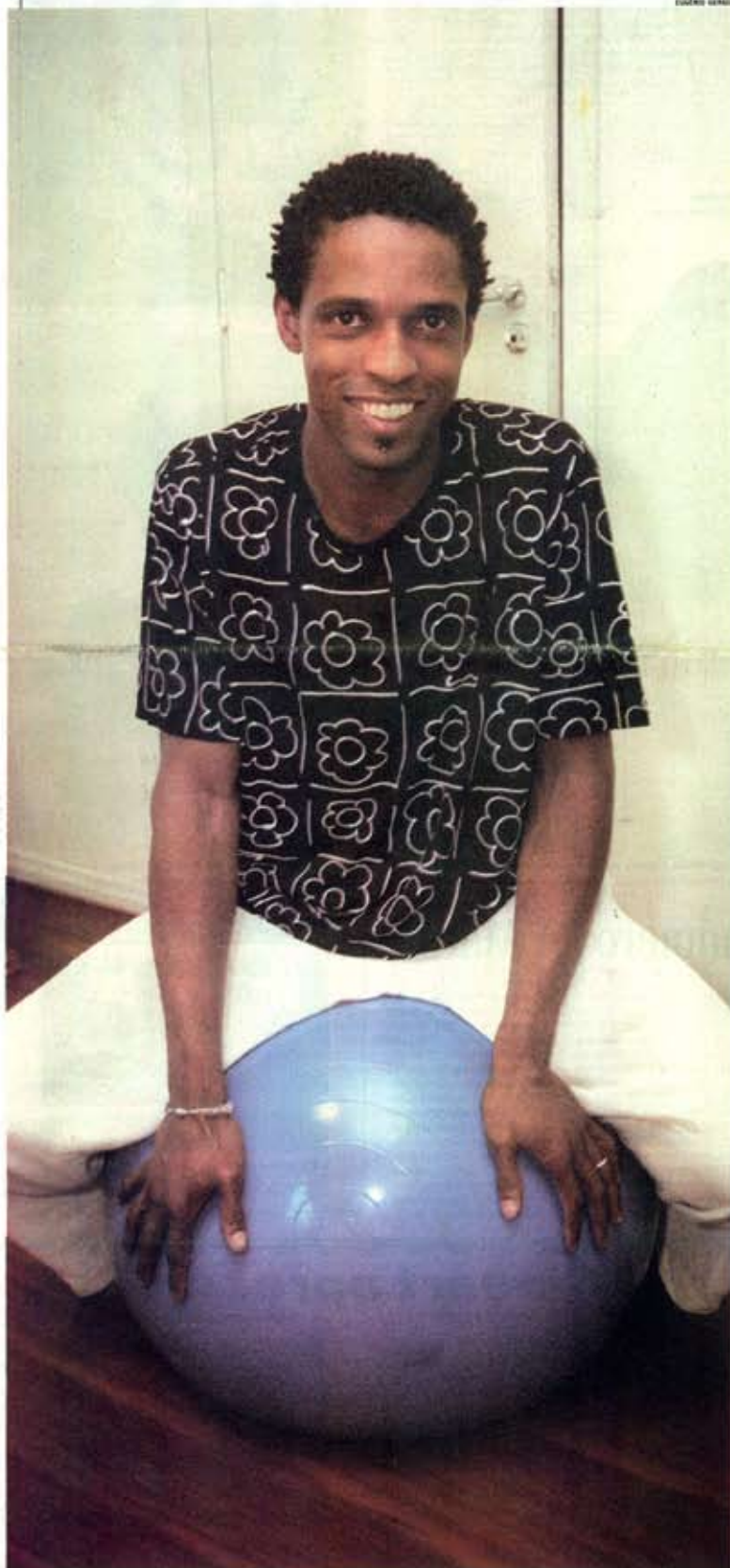
RICARDO ALEXO

44 Poetas dão de graça
o ar de sua graça
(e ainda troçam
— na companhia das traças —
de tal nobre condição) 77



PÁGINA 8

O CERTO PELO OUSADO



Ricardo Ângelo deixa o Grupo Corpo para dançar na Alemanha na companhia da brasileira Ana Mondini

DANIEL BARBOSA
REPORTER

Certidão levou o bailarino Ricardo Ângelo, 32, a abandonar, no ano passado, o porto seguro da mais estável companhia de dança brasileira, o Grupo Corpo, para cruzar o Atlântico e tentar a sorte na Alemanha. Ele embarcou antenado levando na bagagem a convicção de que é necessário abrir os diversos caminhos que ainda poderá percorrer. Ricardo partiu para integrar uma companhia dirigida pela brasileira Ana Mondini, que ainda busca, com sua trupe, consolidar um nome na Europa.

"Rocebi o convite por indicação da Cássia Navas, de São Paulo. Essa companhia da Ana estava precisando de uma pessoa com meu porte físico e com o tipo de trabalho que eu já vinha desenvolvendo. Unia a fome com a vontade de comer. É uma proposta de trabalho muito interessante, mas o que está me movendo, mais que tudo, é mesmo a curiosidade. Quero ver que novos caminhos podem ser abertos", diz.

Apesar de ter começado a dançar há pouco mais de dez anos, Ricardo acumula um currículo considerável, que o credencia a somar com, em breve, estar integrado grandes companhias de dança europeias, como a DV8, de Londres. "Sem dúvida, esse é um grupo com que almejo trabalhar", diz.

Das dançeterias, bailes hunk e boates do bairro Cidade Nova, na região Nordeste de Belo Horizonte, para o Grupo Corpo, passando por algumas escolas de dança da cidade, o caminho foi, segundo Ricardo, rápido e fluido.

"Sempre gostei de dançar, então ia muito às boates da região em que morava. Era um gosto sato. Quando eu estava terminando o segundo grau — devia estar com uns 17 ou 18 anos — fiquei naquela indecisão sobre qual profissão seguir. Optei pela dança. Entrei para o Núcleo Artístico, que fica na Cidade Nova, para me disciplinar. Também foi um modo de fugir do Exército", diverte-se.

O Núcleo Artístico foi, literalmente, um primeiro passo para que logo em seguida Ricardo ingressasse no Centro Mineiro de Danças, no grupo Anima e em outras escolas de dança e grupos independentes. A entrada no Corpo se deu quase que por acaso. "Em 92, fui lá com o intuito de fazer uma audição, mas só a título de experiência. Acabei, por conta dessa audição, ficando durante um ano como estagiário do grupo, acho que foi o primeiro. No final daquele ano, o Paulo [Pedreiras, diretor artístico do Corpo] chegou para mim e disse que não interessava ao grupo manter um esquema de estágio, aí eu me desliguei", conta.

Mas isso foi só o princípio da história. Ricardo conta que, quando se afastou, já estava, provavelmente, nos pratos dos Pedreiras. "Em 93 mesmo eles me chamaram para um teste com outros dois bailarinos, mas acho que era só para terem certeza de que me queriam no grupo", diz. Ele passou imediatamente a integrar o elenco da companhia e ali permaneceu até o ano passado. "Foi tudo muito rápido", comenta.

Laços fortes

Os oito anos em que permaneceu no Corpo foram suficientes para que se criassem laços que Ricardo sabe que não vão se desatar pelo fato de ter deixado o grupo para tentar a sorte na Alemanha. "Mantenho um vínculo forte com todo o pessoal lá. Sei que há uma receptividade muito grande ao meu trabalho. Me tornei amigo do pessoal do Corpo para além das relações profissionais. Conviver com eles foi muito bom, é muito bom. Ter passado por lá esse tempo e ter me dado tão bem é algo que fica", diz.

Ele classifica como uma "galera-escola" a geração de bailarinos que atuava na companhia na primeira metade da década de 90, quando passou a integrá-la. Gra Marau, Márcio Alves, Rui Moreira, Rodrigo Quik, Alexandre Vasconcelos e Milton Pedreiras, entre outros, como pessoas que tiveram papel fundamental em sua formação. Os vínculos de amizade e profissionais que deita no Brasil extrapolam os limites da companhia dos Pedreiras.

Trabalho paralelo

Ricardo confia que, mesmo morando na Alemanha, poderá continuar mantendo um trabalho com o grupo formado pela bailarina e coreógrafa Fernanda Lippi no ano passado para a realização do filme "As Cinzas de Deus". "A Fernanda estava morando em Londres e veio para cá montar esse grupo. Os integrantes éramos eu, minha esposa, Marise Sousa, o Tura Pinheiro, a Jacqueline Gimenez e a Heloísa Domingues. Foi batizado como Zagastra. Finemos o filme, que teve direção do André Semenz, e a interação foi tanta, os resultados tão bons que a Fernanda ficou com vontade de prosseguir com esse grupo, mas levar adiante esse tipo de projeto no Brasil é sempre um remar contra a maré. Agora mesmo ela está ocorrendo através de patrocínio. De qualquer forma, eu acho que há uma possibilidade enorme de que essa história continue. Aí eu vou ter que me dedocar para dar conta de estar na Alemanha e aqui também, quando for o caso", diz.

O bailarino Ricardo Ângelo, 32, que tenta novos passos e saltos na Europa, depois de oito anos integrando o Grupo Corpo, a mais estável companhia brasileira de dança

Laboratório corporal de Ricardo de Paula

Bailarino e coreógrafo prepara espetáculo do grupo Camaleão, com pesquisa sobre o corpo e espaços alternativos

SORAYA BELUSI

Na terça-feira da semana passada, a praça da Liberdade teve seu espaço preenchido por diversos corpos em movimento. Aquela era apenas mais uma das etapas de um processo de investigação dos integrantes do grupo de dança contemporânea Camaleão, coordenados pelo bailarino-criador e coreógrafo Ricardo de Paula.

Para futura criação de uma montagem (ainda sem data de estréia prevista), Ricardo de Paula considera necessário que o grupo passe por essa pesquisa de diálogo com espaços alternativos, e que tenha essa referência de um corpo que se transforma em momentos e situações diferenciadas.

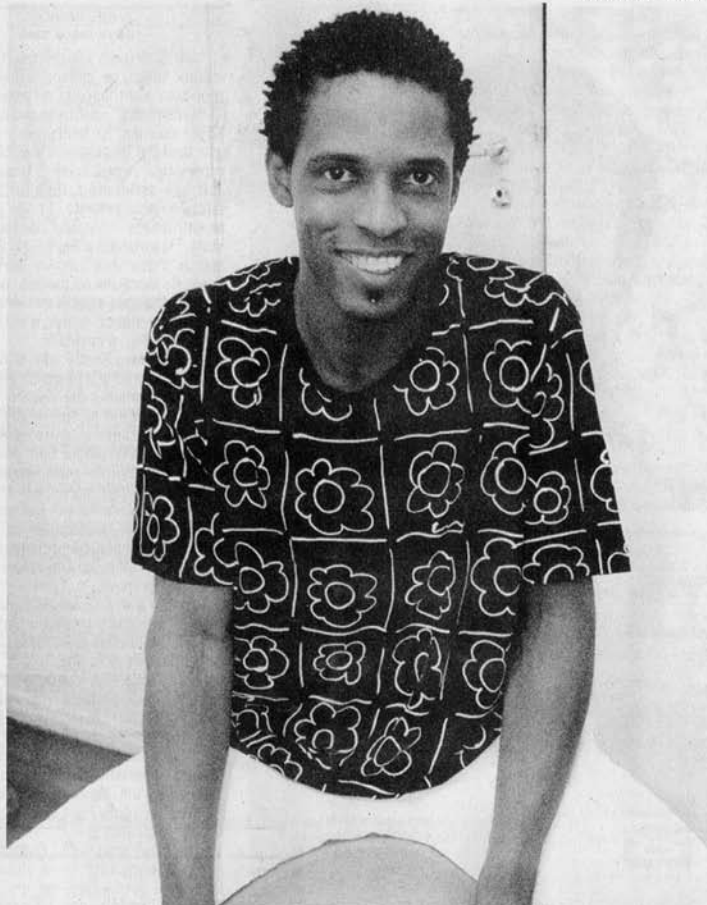
No ano passado, dei vários workshops para o grupo e a Marjorie (Quest, diretora do grupo) sugeriu que começássemos a pensar, preparar material para um novo espetáculo. Nesse momento, estamos fazendo um estudo da relação entre corpo e espaço", explica Ricardo. "Dancei no Camaleão por muitos anos, foi um dos primeiros grupos de dança contemporânea com o qual dancei em Belo Horizonte. Desde aquela época, trago comigo a afinidade com o espaço criativo e com as pessoas de lá, essencial para se começar a dar passos em direção a um trabalho", analisa.

O coreógrafo trabalha com dois conceitos diferentes para se pensar o corpo. "Podemos perceber e utilizar o corpo com duas perspectivas, o corpo-objeto e o corpo-sujeito. Chamo de corpo-objeto, se pensarmos nessa estrutura como material a ser usado. E tem o corpo-sujeito, que pensa e tem desejos e vontades próprias. Isso é uma pesquisa inicial, que senti a necessidade de observar como passo básico para desenvolver o trabalho, que ainda pode tomar vários rumos", pondera.

Estímulos

A pesquisa é pautada na utilização de espaços diversos e como essa mudança pode interferir no corpo dos bailarinos. "A hipótese que estamos investigando é, justamente, visualizar esse código corporal e como ele muda em espaços diversificados, o que o diferencia do corpo da sala de aula, com os estímulos externos, o som ou a ausência dele. Na praça pública, por exemplo, ele pega outro contexto, e não é só o corpo físico que muda, mas o mental também. É essa linguagem que a gente começa a falar, ou seja, desses vários corpos que estão reunidos em um", adianta.

A diversidade de linguagens em um corpo faz com que ele, muitas vezes, perca a sua individualidade. "E esse é um dos focos da pesquisa, ou seja, fazer com que cada bailarino-criador se aproxime da sua capacidade e amplie sua percepção da linguagem desse corpo, ao mesmo tempo, indivíduo e objeto", explica Ricardo. "Estamos falando da abertura de possibilidades para o bailarino, um dos pontos mais fortes dessa pesquisa. Encontrar a sua individualidade corporal é que amplia, abre o leque de opções criativas. O bailarino que não pesquisa, tem seu repertório limitado, se prende a uma repetição de passos. Acredito que o bailarino tem duas opções: ou ele se acha, ou não. Pode ser intérprete, ou criador", reflete.



Depois de vários anos na Europa, Ricardo de Paula se dedica à preparação do grupo de dança contemporânea belo-horizontino

EUGÊNIO GURGEL - 13.2.2002

Contato com técnicas de ponta na Europa

O trabalho de improvisação e criação desenvolvido com Felix Ruckert e Sasha Waltz e outros na Europa tem sido o ponto de integração no processo que o coreógrafo Ricardo de Paula vem desenvolvendo com o Grupo Camaleão. "Tenho usado como estímulo para as improvisações a questão da arquitetura do espaço, para os bailarinos brincarem com as linhas, as curvas, as formas externas e analisar como isso interfere no movimento como todo", explica.

A formação de Ricardo de Paula em dança começou em Belo Horizonte, onde dançou em grupos como o próprio Camaleão e o Grupo Corpo, onde trabalhou durante oito anos. Durante seus 13 anos de profissão, o bailarino e coreógrafo teve várias influências e professores, entre eles, Carlos Leite, Bettina Bellomo e Gustavo Molajoli. Pesquisou, ainda, várias linhas de trabalho na dança contemporânea, como as propostas de movimento de Tica Lemos, Dudu Hermann, Lisa Nelson, Tucca Pinheiro, Gabriel Castillo, Osman Kellil, Katie Duck, para citar apenas alguns.

Atualmente, Ricardo de Paula reside em Berlim, onde vem trabalhando com Felix Ruckert, Sasha Waltz, Christoph Winkler e Constanza Macras, grandes nomes da dança contemporânea no continente europeu. Tem viajado pela Europa, pesquisando e entrando em contato com as mais diversas abordagens técnicas utilizadas no momento por bailarinos e professores de dança.

Mas, nem pela distância, ele perdeu contato com os acontecimentos ligados à dança por aqui. "Estamos vivendo, Minas Gerais principalmente, um momento raro, no qual os incentivos começam a aparecer. Só não me surpreendi quando desembarquei aqui, porque mantinha contato sempre", conta. (SB)

BATE-PRONTO

Ricardo de Paula traz, em sua bagagem artística, influências das mais diversas linguagens e técnicas no campo da dança. Confira como alguns elementos interferem na forma do coreógrafo conceber a arte que se concretiza com o corpo.

1	2	3	4	5
A MENTE	OS ÓRGÃOS INTERNOS	O MOVIMENTO	O ESPAÇO	O PÚBLICO
"Inteligente"	"Essenciais"	"Tradução de idéias"	"Tem que ser interno e externo"	"Consequência de um processo"

EDITORIA DE ARTE

Ricardo Ângelo está de volta a BH

SORAYA BELUSI

O bailarino Ricardo Ângelo está de volta à Belo Horizonte, onde passou grande parte de sua vida profissional, depois de uma longa estadia na Alemanha. Integrante do Grupo Corpo por oito anos, Ricardo Ângelo fez todos os espetáculos que compreendem o período em que foram montados "21" e "Corpo", seu último trabalho com o grupo. Por "inquietação artística", o bailarino partiu rumo à Alemanha para desenvolver outra faceta de seu trabalho.

"Eu fui para lá a convite do Teatro da Cidade de Kassel. A coreógrafa era a Ana Moundi-

ne, que também foi diretora da República da Dança em São Paulo. Lá, nós montamos espetáculos como "Lambarena", "Butterfly" e "Wieso Mich!", trabalhando a partir da perspectiva da criação coletiva. Eu já tinha muita vontade de desenvolver um trabalho nesta linha", conta Ricardo.

Após cumprir o contrato com o Teatro de Kassel, Ricardo Ângelo partiu definitivamente para Berlim, onde mora até hoje. Desenvolve trabalhos com a coreógrafa argentina Constanza Macras, que segue a linha da criação coletiva. Outro parceiro de trabalho é o coreógrafo, este, sim, mais tradicional, Christopher Winkler.

"Estou uma janela aberta para todo tipo de trabalho, muito receptivo devido a essas experiências. Mas, é claro, que dou prioridade a este universo que saí em busca, do bailarino-criador", admite.

Ricardo Ângelo fica na capital mineira até o fim do mês. Neste período, ministra um workshop para Camaleão Cia. de Dança, intitulado "Regras do Jogo", no qual aborda a floor technique (técnica de chão), com elementos de capoeira e ocupação do espaço. Além disso, o bailarino vive a expectativa de voltar a se apresentar em Belo Horizonte.

"Estou inquieto porque tem o projeto '1, 2 na Dança',

que acontece no Teatro Alteirosa, no final de outubro, que eu pretendo apresentar um trabalho, Chama-se 'Tio Zé', e está em desenvolvimento com algumas pessoas daqui. O videomaker Alexandre Pires e o artista plástico Ilan estão pesquisando recursos de vídeo para dar um auxílio no espetáculo que terá projeções", adianta.

No retorno para a Europa, mais trabalhos o esperam. "Apresento o espetáculo 'Homosacer' no Festival de Dança de Lyon (França) e o trabalho da coreógrafa norte-americana Summer Urlickson, 'Creatures of Habit', em Madri", conta o bailarino.



Ricardo Ângelo: "Estou uma janela aberta para todo tipo de trabalho"

EUGÊNIO GURGEL - 13.2.2002

DANÇA

SOLOS OU DUOS

MICHELE BORGES DA COSTA

No palco, só haverá espaço para o criador e suas questões. No máximo, ele poderá eleger mais um interlocutor. Assim, o projeto "1, 2 na Dança", que começa hoje e segue até o dia 31, pretende dar voz às inquietações de bailarinos que escolheram trabalhar de maneira autoral, tendo o próprio corpo como matéria-prima para sua investigação. Pelo Teatro Alterosa vão passar solos ou duos assinados e interpretados por nomes como Dudu Herrmann, Rui Moreira, Heloisa Domingues, Cláudia Lôbo, Patrícia Werneck, Rodrigo Quik, para citar poucos. A abertura vai contar ainda com intervenção de Cristina Machado, exposição, vídeo recheado por depoimentos e texto de Arnaldo Alvarenga, "uma maneira de contar um pouco da história da dança no Estado", segundo Jacqueline Castro que, ao lado de Wagner

Tameirão, foi uma das idealizadoras e realizadoras do evento.

Uma das atrações deste final de semana é o solo "Olhos para o Céu", de Raquel Pires. Nesse trabalho, a bailarina fala de "limites, da busca e do desejo de uma transformação". Segundo ela, é um solo ainda em desenvolvimento. "A minha idéia é aprofundar essa relação entre a dança e a música, para resgatar uma dança mais básica, mais essencial, mais primitiva, descobrir de onde surge esse primeiro impulso gerador de movimento".

AGENDA – Projeto "1, 2 na Dança". De amanhã ao dia 31, no Teatro Alterosa (av. Assis Chateaubriand, 499, Floresta, tel. 3237-6611). De 5ª a sáb., 21h, dom., às 19h. Ingressos a R\$ 7 (para quem comprar para três noites), R\$ 6 (para quem comprar para quatro a seis noites) e R\$ 5 (para quem comprar para as sete noites).

CINCO
COREOGRAFIAS
ABREM HOJE O
PROJETO "1, 2
NA DANÇA", NO
TEATRO ALTEROSA



Cena de "Receita", coreografia de Henrique Rodolfo interpretada por Rui Moreira

DANÇA TEM ENCONTRO NO CORPO

Começa amanhã e vai até domingo, sempre às 21h, no Teatro do Corpo (avenida Bandeirantes, 866, Mangabeiras), o Encontro Corpo de Dança Contemporânea. O evento, que tem como objetivo abrir espaço para o exercício da criatividade e o desenvolvimento de habilidades coreográficas, este ano conta com participação de coreógrafos convidados e trabalhos inéditos. A programação começa às 20h30, com exibição de vídeos como *In-situ*, montagem de Marcos Moreira Marcos, de 2002, que par-

te de uma investigação das bailarinas e coreógrafas Luciana Gontijo e Margô Assis, em busca de novos padrões de corporalidade, a partir da relação do corpo com o meio ambiente.

A programação continua sábado, com a exibição do vídeo *O que é dança?*, de Fernando de Castro e Marcus Vinícius A. Nascimento, de 2002, que trata de vários aspectos da dança. Para encerrar as projeções, está agendado *As Cinzas de Deus*, de André Semenza, obra inspirada em poema de Ovídio, interpretado pelos bailarinos Tuca Pinheiro, Heloisa Domingues, Ricardo de Paula, Jacqueline Gimenes e Marize Diniz.

No evento, já confirmaram presença expoentes da dança mineira. A entrada é franca, mas é necessário retirar senha meia hora antes do início.

programe-se



MÁRCIO SIMCHIDIVULGAÇÃO

Para lembrar Elis e outros clássicos

O pianista César Camargo Mariano e seu filho, o cantor Pedro Camargo Mariano, se aproveitaram da intimidade para acertar o compasso, afinar o tom do piano e gravar, juntos, o CD "Piano e Voz". O repertório do álbum é composto por músicas que marcaram a vida dos dois artistas. Pedro entrou com sua voz "negra" e César, com sua excelência como músico e maestro. No repertório estão as dez músicas do CD, como a inédita "Par Ímpar" e a especial "Se Eu Quiser Falar com Deus", homenagem a Elis Regina. Teatro Sesiminas (rua Padre Marinho, 60, Sta. Efigênia, 3241-7181). Dia 28 (quinta), às 21h. R\$ 30 (inteira) e R\$ 15 (meia) para setores 1 e 2. Meia-entrada para estudantes e maiores de 60 anos.



PRODUÇÃO ENSEMBLE/DIVULGAÇÃO

Freire em mais uma virtuose

A Orquestra Sinfônica de Minas Gerais recebe o consagrado pianista Nelson Freire para um concerto. O mineiro de Boa Esperança aproveita a oportunidade para comemorar seus 60 anos e os 50 de seu primeiro concerto, ao lado da orquestra regida pelo maestro Marcelo Ramos. Freire vai interpretar obras de Copland, Mozart e Grieg. Palácio das Artes (av. Afonso Pena, 1.537, centro, 3237-7399). Dia 25 (segunda), às 20h30. R\$ 60 (inteira) e R\$ 30 (meia para estudantes, menores de 18, maiores de 60 anos e quem doar 1 kg de alimento não perecível).

PAGOS

shows

TELO BORGES E BANDA
MPB e canções do Clube da Esquina.
Vinil Cultura Bar (r. Inconfidentes, 1.068, Savassi, 3261-7057). Neste sábado (23), a partir das 16h. R\$ 5 (entrada).

FOCACIA FIORENTINA
Choro e samba de raiz com Dudu, Hudson e Carlião. A casa oferece pratos da culinária italiana.
Rua Álvares Maciel, 490, Sta. Efigênia, 3214-0929. Neste sábado (23), a partir das 16h. R\$ 3 (cover).

RENATO DOLABELLA
Uma homenagem aos Beatles, com o show "Beatles - Canções de Liverpool".
Sala Juvenal Dias/Palácio das Artes (av. Afonso Pena, 1.537, centro, 3237-7399). Neste sábado (23), às 20h. R\$ 20 (inteira) e R\$ 10 (meia para menores de 18, maiores de 60, estudantes e doadores de 1 kg de alimento não perecível).

NETINHO
O cantor canta seus sucessos de axé music. No repertório, os hits "Menina", "Mila" e "A Vida é Festa", entre outros.
Serraria Souza Pinto (av. Assis Chateaubriand, 809, Floresta, 3213-3434). Neste sábado (23), às 21h. R\$ 15 (anticipado), R\$ 30 (na hora do evento), R\$ 25 (área vip) e R\$ 150 (mesa para quatro pessoas). Os ingressos estão à venda na Estação do Sem (av. dos Andradas, 841, Floresta, 3224-1069).

EDU NEGRÃO

Jazz, bossa-nova e samba.
Utopia Marcenaria (av. Raja Gabaglia, 4.700, Sta. Lúcia, 3296-2868). Neste sábado (23), às 23h. R\$ 8.

concerto

CICLO INTEGRAL DAS SONATAS PARA PIANO DE BEETHOVEN
Seis pianistas franceses executam "Sonatas para Piano de Beethoven". No 6º Concerto serão apresentadas quatro Sonatas.
Conservatório da UFMG (av. Afonso Pena, 1.534, centro, 3218-9300). Neste sábado (23), às 20h30. R\$ 10 (inteira) e R\$ 5 (meia).

projetos

PALCO PALADAR
Elaíne Pinho apresenta repertório de bossa-nova e canções norte-americanas.
Shopping Falls (r. Kepler, 405, espaço 10, Sta. Lúcia, 3296-1618). Neste sábado (23), às 21h30. R\$ 15.

MANHÃS MUSICAIS
Recital de poesia e música com Adélia Prado e músicos.
Sala Sérgio Magnani (r. Gonçalves Dias, Lourdes, 3226-6866). Neste domingo (24), às 11h. R\$ 5.

MÚSICA NO MUSEU
O cantor, compositor e violonista Sérgio Santos recebe o percussionista Marcos Suzano e, juntos, fazem um show com suingue e balanço.

Museu de Arte da Pampulha (av. Otacílio Negrão de Lima, 16.585, Pampulha, 3443-4533). Dia 27 (quarta), às 21h. R\$ 7.

dança

CARMEN
De Georges Bizet. Com Fátima Carreiro & Cia. de Baile Flamenco.
La Taberna (rua Antônio de Albuquerque, 453, Savassi, 3281-2012). 5ª a sábado, às 21h, e domingo, às 19h. R\$ 20 (com drink) e R\$ 35 (com paella). Até 31/10.

mostra 1, 2 na Dança

RODRIGO QUIK
Apresentação de interferência coreográfica "Cru ou Cozido". Vão se apresentar também Wenderson Godoy, Ricardo de Paula e Márcia Neves.
Teatro Alterosa (av. Assis Chateaubriand, 499, Floresta, 3237-6611). Neste sábado (23), a partir das 21h. Verifique promoções de ingressos na bilheteria do teatro.

HELOÍSA DOMINGUES
Em "Procura-se" Vão se apresentar também Vanillo Lakka, Kika Brunt, Rosa Antônia e a convidada Raquel Pires, em "Olhos Para o Céu".
Teatro Alterosa (av. Assis Chateaubriand, 499, Floresta, 3237-6611). Neste domingo (24), a partir das 19h. Verifique promoções de ingressos na bilheteria do teatro.

CIA. PALÁCIO DAS ARTES
Com a interferência "A Mulher das Panelas". Vão se apresentar também Aretha Maciel, Gabriela Cristóforo e Patrícia Siqueira.
Teatro Alterosa (av. Assis Chateaubriand, 499, Floresta, 3237-6611). Dia 28 (quinta), a partir das 21h. Verifique promoções de ingressos na bilheteria do teatro.

DUDUDE HERRMANN
Em "Um Pedaco de Uma Lembrança", interferência convidada "Você Me Daria um Abraço", com a Cia. Palácio das Artes. Vão

se apresentar também Raquel Pires, Cláudia Lobo e Morena Nascimento.

Teatro Alterosa (av. Assis Chateaubriand, 499, Floresta, 3237-6611). Dia 29 (sexta), Dia 29 (sexta), às 21h. Verifique promoções de ingressos na bilheteria do teatro.

HELOÍSA DOMINGUES
Em "Procura-se" Vão se apresentar também Ana Virginia Guimarães, Patrícia Werneck e Marise Dinis.

Teatro Alterosa (av. Assis Chateaubriand, 499, Floresta, 3237-6611). Dia 30 (sábado), a partir das 21h. Verifique promoções de ingressos na bilheteria do teatro.

CIA. PALÁCIO DAS ARTES
Com a interferência convidada "A Mulher das Panelas". Rui Moreira também se apresenta, com a "Receita".
Teatro Alterosa (av. Assis Chateaubriand, 499, Floresta, 3237-6611). Dia 31 (domingo), a partir das 19h. Verifique promoções de ingressos na bilheteria do teatro.

GRATUITOS

exposições

IZABEL CHUMBINHO
A fotógrafa e artista plástica exhibe o ensaio "Anjos de Igreja".
Parque Renascer (BR-040, saída para Brasília). Visitação de 2ª a domingo, das 9h às 19h. Até 10/11.

WALTER CARVALHO
O fotógrafo expõe imagens realizadas nos seus últimos 30 anos de carreira.
Instituto Moreira Salles (av. Afonso Pena, 737, centro, 3213-7900). Abre nesta terça (26), das 13h às 19h. Visitação de 3ª a 6ª, das 13h às 19h, sábado e domingo, das 13h às 18h. Até 13/3/2005.

WALTER NAVARRO
O jornalista e artista plástico expõe suas obras com técnicas mistas.
Galeria de Arte do Minas 2 (av. Bandeirantes,

2.323, Mangabeiras). Abre dia 27 (quarta), das 6h às 22h. De 2ª a 6ª, das 6h às 22h, sábado, das 6h às 20h, e domingo, das 6h às 19h. Até 21/11.

projetos

MINHA PRAÇA 1
Léo Marques interpreta canções de Rita Lee, Legião Urbana e Capital Inicial.
Praça São Francisco de Assis (Pampulha). Neste sábado (23), às 9h.

MINHA PRAÇA 2
Apresentação de Vinessa Andrade e Fausto Junqueira, com repertório variado.
Parque Ecológico Francisco Lins do Rêgo (Pampulha). Neste sábado (23), das 13 às 16h.

MÚSICA DE DOMINGO
Apresentação do cantor Wladimir Henrique e da banda de Pianos Gataventane.
Teatro Francisco Nunes (parque Municipal - av. Afonso Pena s/nº, centro, 3277-4631). Neste domingo (24), às 11h. Os ingressos devem ser retirados na bilheteria do teatro até às 10h.

CAFÉ VOLTAIRE
Apresentação do espetáculo "Procura-se", com a bailarina Heloísa Domingues.

Centro de Cultura de Belo Horizonte (r. da Bahia, 1.149, centro, 3277-4265). Dia 27 (quarta), às 20h.

O ESCRITOR POR ELE MESMO
Um bate-papo com a escritora Ana Maria Machado.

Instituto Moreira Salles (av. Afonso Pena, 737, centro, 3213-7900). Dia 28 (quinta), às 15h (alunos do ensino fundamental) e 20h (adultos). Os ingressos já podem ser retirados no local.

para crianças

CACHINHOS DE OURO
Dir. Franciele Antunes. Durante um passeio pela floresta, Cachinhos de Ouro acaba esquecendo o caminho de casa e encontra uma casinha onde moram três ursinhos.
Espaço Cultural da Concessionária Recreio (av. Barão Homem de Melo, 3.335, Estoril, 3319-9000). Neste domingo (24), às 10h30.



1, 2 NA DANÇA/DIVULGAÇÃO

O bailarino Ricardo de Paula no espetáculo "Tio Zé", que está na mostra "1, 2 na Dança"

Poder Judiciário do Estado de Minas Gerais Justiça de 1ª Instância Lugar de criança é na família

Toda criança tem direito a uma família e um lar, um local onde possa crescer e se desenvolver física, mental e culturalmente. Nenhuma criança deve ser privada desse direito.

Em nosso meio, muitas crianças e adolescentes estão privados desse direito; vivem institucionalizados em abrigos, aguardando regularização judicial para que possam retornar para a família de origem ou ser encaminhados para uma família substituída.

Por mais que as instituições de abrigo se empenhem para oferecer condições adequadas, a dimensão afetiva não é satisfatoriamente atendida. A situação das crianças e adolescente institucionalizados é de verdadeiro confinamento, com restrição de sua liberdade e dos ambientes que frequentam. Muitas vezes elas só saem do abrigo para frequentar a escola.

Esta situação é penosa para a criança e o adolescente, prejudicando seu desenvolvimento saudável.

Pensando em amenizar o problema vivido por essas crianças e adolescentes, o Serviço Social e Psicologia Judicial da Comarca de Betim desenvolveu o programa de apadrinhamento que visa proporcionar-lhe convivência com famílias que tenham condições de oferecer relacionamentos mais calorosos e oportunidades de lazer, recreação e diversão. Enfim, situações que possibilitem resgatar nessas crianças e adolescentes relações afetivas positivas nas quais terão a possibilidade de ser respeitadas, tratadas com carinho, amor e vivenciadas a alegria que é direito de toda criança e todo adolescente.

Para participar desse programa você deve entrar em contato com o Serviço Social e Psicologia Judicial pelo telefone (31) 3511.1409 ramal 503, no horário de 12:00 às 18:00, de segunda sexta-feira e inscrever-se. Os interessados irão participar de reunião, a ser realizada no dia 27/10/04 de 19:00 às 21:00 horas, para esclarecimentos pertinentes.

As crianças que participam do apadrinhamento tem idade a partir de 03 anos.
Participe!!!

Betim, 31 de agosto de 2004.

unimed
BANHEIRO feminino
APRESENTA

blá! blá? blá...

TOXICOLOGIA Regional Antonioni
Espectáculo de Pedro Paulo Cava

TEATRO DA CIDADE
Segundas e terças - 20:30h
R. da Bahia, 1341 - Fone: 3273.1050

OTEMPO Pampulha ALVARADA
Jornalismo de Qualidade